

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Rafael Andrioli Rasch

**O NOSSO SANGUE E A NOSSA RAÇA: *história, memória e identidade "Xavantes"*.
(Estudo de caso da partida entre G. E. Brasil e C. R. Flamengo, Taça de Ouro 1985).**

PORTO ALEGRE

2013

RAFAEL ANDRIOLI RASCH

O NOSSO SANGUE E A NOSSA RAÇA: história, memória e identidade "xavantes".
(Estudo de caso da partida G. E. Brasil x C. R. Flamengo, Taça de Ouro 1985).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em História, pelo curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS

Orientador: Prof. Cesar Augusto Barcelos Guazzelli.

PORTO ALEGRE

2013

O futebol é o reino da liberdade humana, exercida ao ar livre.
(Antonio Gramsci)

O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão.
(Nelson Rodrigues)

RESUMO:

18 de Julho de 1985, estádio Bento Freitas, Pelotas. Dezoito mil torcedores tomam as arquibancadas; dentro das quatro linhas os vinte e dois jogadores representam de um lado o grande Flamengo do Rio de Janeiro com sua técnica apurada, habilidade, toque de bola como marcas registradas, do outro lado o pequeno, mas aplicado, decidido e corajoso Brasil de Pelotas que somente assim consegue superar seu rival por 2 x 0, praticamente assegurando a vaga na semifinal do Campeonato Brasileiro daquele ano. Mas para isso, precisa também se superar, tal qual faz sua torcida, tal qual faz sua cidade, que é de médio porte apesar de já ter sido grande, que é política e economicamente secundária, apesar de já ter sido a grande e rica capital do charque, ter tido a terceira principal liga de futebol do país no começo do século e hoje ver seus times penarem para conseguir manter as contas em dia. Toda essa memória está presente naquele estádio acanhado que presencia no ano de 1985 o (re)encontro simbólico da Pelotas, opulente cidade de outrora com o Brasil, ali representado pelo time de maior torcida e qualidade de seu tempo, que trazia consigo uma horda de jornalistas áridos por mostrar as notícias e personagens daquela decisão.

O presente trabalho versará acerca dessa memória social e identidade “xavantes”, construídas ao longo das décadas, tendo a partida entre G.E. Brasil e C.R. Flamengo pela Taça de Ouro de 1985 como objeto de estudo. Também serão analisadas a inserção do futebol na cidade de Pelotas e sua economia, em declínio durante o século XX, que cada vez mais vai restringindo as possibilidades de sucesso de seus clubes, mesmo em âmbito estadual.

Palavras Chave: Futebol, Grêmio Esportivo Brasil, Xavantes, Economia, Pelotas, Região Sul.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	5
1. O FUTEBOL NA <i>BELLE ÉPOQUE</i> PELOTENSE.	11
1.1. O futebol chega ao Rio Grande do Sul	11
1.2. A assimilação do futebol pela elite das charqueadas	13
2. DO ESPORTE AO ESPETÁCULO	20
2.1. Sobre a democratização no futebol brasileiro	20
2.2. 1913-1919 - A breve década emblemática do futebol pelotense	25
2.3. Decadência econômica: Reflexos esportivos	31
3. MEMÓRIA E IDENTIDADE “XAVANTES”	34
3.1. O Brasil de Pelotas e sua memória de clube popular	35
3.2. A memória “Xavante” - Estigmatização do termo	42
3.3. Identidade Xavante: Abordagem teórica	43
3.4. A massificação e ‘fidelização’ da torcida pelotense	46
4. ESTUDO DE CASO - G. E. BRASIL x C. R. FLAMENGO, TAÇA DE OURO DE 1985	52
4.1. Identidade regional e a Taça de Ouro de 1985	54
4.2. G.E. Brasil x C.R. Flamengo - A Torcida Xavante na imprensa	63
5. CONCLUSÃO	70
6. BIBLIOGRAFIA	73

INTRODUÇÃO

Estudar o futebol em um trabalho acadêmico – especialmente a identidade de uma torcida e como ela se manifesta – enseja dentre as principais dificuldades racionalizar aquilo que aprendemos desde crianças ser estritamente irracional: a paixão por um clube de futebol.

Tratado neste trabalho como pertencimento clubístico, ou um elemento na identidade social do indivíduo, esse sentimento, assim como o futebol como tema de estudo, começa a ganhar espaço dentro dos estudos acadêmicos, diminuindo a “estranheza” a cada novo trabalho desenvolvido. Desta maneira, espero contribuir, mesmo que minimamente na “quebra de gelo” que tem se operado entre acadêmicos e o futebol, especialmente nas duas últimas décadas, alterando as concepções da maior parte dos cientistas sociais que anteriormente consideravam o futebol como algo que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras”, visto dentro dos processos de alienação das massas, como reflete Lovisolo (2001):

Os ventos mudaram o rumo da prosa. Hoje, talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, a crítica da alienação foi barrida e as folhas da valorização da cultura e identidade local formam o piso sobre o qual andamos.¹

No caso da sociedade brasileira, o futebol se constitui em uma dimensão importante na construção identitária, afinal sendo “a pátria de chuteiras” como disse Nelson Rodrigues, tendo o futebol um importante papel na formação da identidade nacional, a sua presença ao longo do século XX foi se tornando orgânica. Dentro dessa forma “natural” como vemos a presença do futebol no nosso dia a dia, Damo (1998) traça uma comparação com o vestuário:

Num país em que a "rua" é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das "brincadeiras" preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. Pode parecer exagero de minha parte mas, salvo raras exceções, o futebol está inserido na esfera das necessidades, tal qual o uso do vestuário. Embora por vezes se apresentem como natural ou necessário, ambos são imposições sociais de ordem cultural e, portanto, plenos de significado.²

Portanto, junto com a importância de estudar algo que permeia nosso cotidiano vem a dificuldade de conceituar aquilo que é familiar, que nos leva, crianças ou adultos

¹ LOVISOLO, Hugo. “Introdução”. In: HELAL, Ronaldo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 9-12, p.9.

² DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998, p. 7

a discutir por horas sobre times de futebol mesmo sabendo que não se chegará a nenhum acordo, muitas vezes pelo simples prazer de conversar sobre aquele tema tão instigante e familiar. Segundo Franco Júnior (2007), “o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado”³. Por isso, em um país com “190 milhões de treinadores” devemos pedir substituição e sair um pouco do campo de jogo, das discussões táticas e técnicas e adentrarmos no campo social para uma partida.

O presente trabalho estudará a torcida do Grêmio Esportivo Brasil⁴, clube da cidade de Pelotas, conhecida como “Torcida Xavante”, mais precisamente a memória e a identidade que ao longo das décadas foi sendo construída, estabelecendo e assinalando elementos distintivos. Tomaremos como estudo de caso a partida entre G.E. Brasil e C.R. Flamengo, pela Taça de Ouro de 1985, observando de que maneira essa “Identidade Xavante” é retratada, ou mesmo (re)construída na imprensa.

Estudaremos como foi construída a identidade da torcida tendo como base o instrumental proposto por Bilhão (2005): reconhecimento; distinção e memória coletiva. Utilizando os conceitos de Pollak (1992) e Bourdieu (1989) para entendimento de como se opera a lógica do reconhecimento e da identificação dos sujeitos a determinados grupos.

Além da natural dificuldade de conceituar identidade, temos de lidar com aspectos específicos das torcidas de futebol. Agostino (2002), busca no momento de regramento do futebol, momento em que se estabelece que apenas 11 indivíduos jogariam em cada time, o aspecto primordial para o estabelecimento do futebol moderno.

Talvez não seja exagero afirmar que o futebol moderno tenha nascido quando se fixou claramente a demarcação entre aqueles que jogavam e aqueles que assistiam ao jogo, superando os tradicionais embates durante os jogos de rua, nos quais qualquer um podia entrar a qualquer momento.⁵

Nesse momento ocorre a cisão entre os que jogam e os que assistem ao jogo. A restrição não permite que o todo de um grupo muito grande, como uma escola, por

³ FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 p.11

⁴ Em função da ortografia das fontes utilizarei nos capítulos 1, 2, 3 e 4.1 o nome G.S. Brasil (Grêmio Esportivo Brasil) já que o nome muda apenas em 1941, de acordo com a ortografia brasileira de 31. O mesmo ocorrerá em relação ao E.C. Pelotas, chamado de S.C. Pelotas (Sport Club Pelotas) nos capítulos citados.

⁵ AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002, p. 21.

exemplo, dispute a mesma partida. Desse modo, enquanto 11 jogadores entram em campo, “representando” determinada instituição, os demais tem a escolha de ir fazer outra atividade qualquer ou ficar assistindo à partida de seus “representantes”. A relação de pertencimento do indivíduo para com a escola, dentro deste exemplo, ou mesmo a identificação do mesmo com aqueles que coadunam do mesmo pertencimento – seus representantes dentro de campo e mesmo com os demais “torcedores” na beirada do gramado – tornam a escolha mais simples: ficar e assistir ao jogo.

A própria semântica da palavra “assistir” utilizada até aqui pode ser empregada para exemplificar o duplo papel que o torcedor de futebol adquiriria com o passar do tempo. Ao mesmo tempo em que “assistir” é tratado por Agostino com o significado de observar, ver algo, ou mesmo, estar presente. Podemos utilizar “assistir” com o significado de colaborar, ajudar, proteger, socorrer algo ou alguém. A prática torcedora dentro de um futebol espetacularizado – como estudaremos no caso do Brasil de Pelotas – exige dos torcedores o cumprimento dos dois significados: a presença nos estádios, construídos para grandes públicos e rendas; além do aporte psicológico que o torcedor exerce no estádio. Essas manifestações de apoio se apresentam na forma de cânticos, gritos característicos de cada torcida, manifestações visuais, enfim, tentativas de interferir no resultado da partida em favor do seu clube do coração.

Na medida em que o futebol foi se popularizando, a relação matemática se multiplica por milhares, por milhões. Os 11 jogadores passaram a representar um grupo cada vez maior. O sentimento de pertencimento, muito simples de entender em um espaço delimitado, como uma escola, se complexifica na medida em que esse espaço se abrange para uma cidade, um estado, um país, ou mesmo a falta de delimitação espacial. Para Jahnecka (2010), um indivíduo se torna um torcedor “quando se identifica com um clube de futebol passando a compartilhar sentimentos, memórias, histórias, valores em comum com o clube e com outros indivíduos torcedores”⁶.

O objetivo do presente trabalho deve ser entendido nesse sentido. A relação de pertencimento do torcedor com o clube e com os demais torcedores não obedece a apenas uma lógica ou razão de pertença. No entanto, o reconhecimento e compartilhamento de símbolos que identificam o torcedor com o clube e com o grupo o

⁶ JAHNECKA, Luciano. **O jeito xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 52.

integram com tal agremiação. Desse modo, não é intenção do estudo buscar estereótipos – ou mesmo mostrar que a torcida xavante é melhor ou pior que as demais – mas sim entender através da memória coletiva como se dá e no que se baseia esse reconhecimento da torcida xavante.

Dentro dos limites do trabalho – em parte imposto pela falta de fontes, em outra pela limitação imposta pelo curto tempo de pesquisa – cito a dificuldade de detalhar o item “distinção” dentro do instrumental proposto. Tal distinção da torcida do Brasil se dá em relação à torcida de Pelotas, grande rival na cidade. Por esse motivo, buscaremos dentro da bibliografia os dois momentos em que esta relação dicotômica se mostra mais evidente: a partir da memória de clube popular do Brasil que seria um elemento importante dentro da identidade da torcida. Essa memória tem na relação “negrinhos da estação versus fidalgos da avenida” – entre torcedores de Brasil e Pelotas, respectivamente – um fator potencializador; e a estigmatização do termo “xavante” que tem origem em um Bra-Pel, em 1946, quando o termo é alcunhado de maneira pejorativa pela torcida do Pelotas.

Para o estudo de caso utilizaremos os jornais O Globo e Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, a Folha de São Paulo da capital paulista, da Revista Placar, de circulação nacional, mas que tem sua sede em São Paulo, bem como o jornal Diário Popular, da cidade de Pelotas. Para os jornais, o período de pesquisa será o mês de julho de 1985, período em que ocorreu a segunda fase do campeonato. Para a Revista Placar o período será estendido até o mês de janeiro, quando do começo do campeonato para uma visão mais ampla da competição. Também usarei os comentários de Paulo Sant’ana e Ruy Carlos Ostermann no programa Jornal do Almoço, de RBS TV, no dia seguinte ao jogo.⁷

A opção pelas fontes citadas teve na busca de diversos pontos de vista acerca do jogo e da torcida como principal critério. Também a relação regional teve peso, a escolha natural de jornais das respectivas cidades dos adversários daquela noite, Pelotas e Rio de Janeiro, teve no jornal Folha de São Paulo e na Revista Placar importantes acréscimos, especialmente por ter uma observação mais analítica, até mesmo pelo

⁷ O comentário de Ostermann pode ser indicado como uma espécie de “inspiração” para a escolha do tema. Por sua riqueza de elementos, qualidade de argumentação e mesmo a emoção que o comentarista passa sobre a experiência do ambiente do jogo (ele estava no estádio). Agradeço ao blog <<http://www.colecionadorxavante.com.br>> pela preservação desta memória e pela disponibilização do material.

distanciamento cotidiano com os dois clubes, por parte do jornal, e pela abrangência nacional da revista. Os comentários de Paulo Sant’ana e Ruy Carlos Ostermann no programa Jornal do Almoço, de RBS TV, no dia seguinte ao jogo trouxeram novos elementos que somente a oralidade pode fornecer – e que a transcrição infelizmente deixa escapar – como a entonação e a emoção passada pela fala dos comentaristas. O fato do programa ter abrangência estadual e grande audiência, portanto, “entrando nos lares” de boa parte dos gaúchos é relevante para termos uma opinião nesse âmbito, uma vez que o programa era exibido a partir de Porto Alegre, sendo que os dois comentaristas também eram colunistas do jornal Zero Hora à época.

Alguns cuidados metodológicos precisam ser tomados quando tratamos a imprensa como fonte, especialmente a falsa ideia de imparcialidade dos veículos de comunicação que acabam influenciando o leitor, sendo muitas vezes instrumento ideológico “o fato de que os jornais modernos, inseridos dentro de uma lógica capitalista de produção, se constituem em locais de poder, a partir dos quais é possível influenciar o público a partir de uma determinada leitura do real”⁸. Não podemos, portanto, utilizar a fonte como representação de uma verdade incontestável.

O texto jornalístico, assim como qualquer outro documento é, naturalmente, uma criação, por alguém produzido e refletindo não uma verdade, um acontecimento em si, mas antes uma opinião, uma perspectiva pessoal sobre determinado acontecimento. Esta leitura pessoal do real, contudo, não se dá de forma neutra, uma vez que, após produzida pode ser reproduzida pelo conjunto da sociedade, sendo capaz, portanto de ser assumida pelo coletivo como retrato fiel da verdade⁹

A relação de subjetividade na produção, segundo Cláudio Elmir Pereira, “para não produzirmos um entendimento ingênuo da imprensa, há que saber o ‘universo da produção’ mantém, na prática, respeitosa distância em relação ao ‘universo da recepção’.”¹⁰

Devemos buscar uma constância nas aparições das informações para não correr o risco de ressaltar um aspecto pouco relevante dentro de outros mais acentuados

⁸ FRAGA, Gerson Wasem. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950, 2009, 398 p. Tese (História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.36

⁹ Idem, p. 35

¹⁰ ELMIR, Cláudio Pereira. **Uma aventura com o Última Hora. O jornal e a pesquisa histórica.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 13

“buscando aquilo que, pela repetição de suas aparições ao longo dos textos, se ressalte como significativo e exemplar para sua análise”¹¹.

Mas antes de entrarmos na discussão acerca da identidade xavante, veremos nos capítulos 1 e 2 a forma como o futebol foi assimilado e de que maneira se desenvolve na cidade de Pelotas. Jesus (2001) fala que o ritmo de desenvolvimento do futebol e mesmo sua natureza refletem as possibilidades de cada lugar. Em Pelotas, vemos uma rápida espetacularização do futebol, que refletiria, em um primeiro momento, a riqueza proporcionada pelo charque. Já a partir dos anos 20 vemos uma constante perda de importância de Pelotas dentro da economia do Estado que, por sua vez, restringiria as possibilidades de seus times alçarem voos mais altos.

No entanto, mesmo com essas limitações de ordem econômica e esportiva, vemos que as torcidas dos clubes de Pelotas se mantêm, em boa parte, fieis aos clubes da cidade. Fruto do histórico dos clubes – o forte enraizamento do pertencimento – mas também da cidade e seu orgulho, produto do passado de riquezas, bastante presente na memória coletiva da população.

¹¹ FRAGA Op.Cit, p.39.

CAPÍTULO 1 - O FUTEBOL NA *BELLE ÉPOQUE* PELOTENSE.

O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho da presença global britânica [...] Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido [...] tornou-se genuinamente universal.¹²

O futebol, modernidade representativa e “produto de exportação” do Império Britânico, encontrou morada profícua no começo do século XX na ‘Princesa do Sul’. Ali o “esporte bretão” descobre a aristocrática elite do charque com o ócio inerente ao seu ofício¹³, aliado ao imenso anseio de preenchê-lo com o que de mais moderno houvesse em termos de lazer ao estilo europeu. Assim, no século XIX, os parques, jardins, teatros, e clubes sociais e esportivos proliferam nessa urbe crescente e enriquecida.

Dessa maneira, as condições para a assimilação do futebol em Pelotas estavam postas. Para um entendimento deste começo é necessário perceber as formas de inserção deste esporte no Rio Grande do Sul, que teve no S.C. Rio Grande um clube missionário na sua difusão entre as elites das principais cidades do estado, mas que teve também na forte ligação histórica com os países do prata – tendo como aliada a linha férrea – uma outra via de entrada do futebol no estado.

1.1. Inserção do futebol no Rio Grande do Sul.

Podemos observar algumas simultaneidades e similaridades na inserção do futebol no Brasil, apesar de seu tamanho continental, por dois prismas, o primeiro em função da chegada em momentos diferentes nos diferentes locais por sujeitos desconexos, tendo, apesar disso, um nexos entre todos esses “pioneiros”, serem sujeitos de elite que trouxeram o esporte que aprenderam, normalmente após algum tempo estudando na Inglaterra, principalmente para as grandes cidades do Brasil¹⁴. Essa visão, bastante presente no senso comum, consagrou Charles Miller como um “mito representativo” em São Paulo, e Oscar Cox no Rio de Janeiro.

¹² HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p.196.

¹³ E historicamente propiciado pela extensa força de trabalho escrava utilizada nas charqueadas.

¹⁴ FRANZINI, Fábio. *A futura paixão nacional: chega o futebol*. In: DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P.113.

O segundo, em função da influência planetária do imperialismo inglês no século XIX, as populações locais tiveram contato com o futebol através da observação da prática futebolística pelos trabalhadores das estradas de ferro, na maioria empregados de empresas inglesas, bem como pelos marinheiros ingleses nas cidades portuárias¹⁵ que em horário de folga praticavam o esporte como forma de divertimento, como ocorreu na cidade gaúcha de Rio Grande¹⁶. Nessa cidade, conta com o cosmopolitismo relativo da cidade portuária e a base esportiva alemã presente na mesma.

Muitas vezes a discussão sobre a inserção do futebol no Brasil recai, de forma rasa, sobre estes mitos criadores citados e a questão cronológica inerente, mas pouco se pensa de que maneira o fato de Charles Miller ter trazido uma bola e um livro de regras da Europa em 1894 para a cidade de São Paulo teria influenciado na adoção do esporte precocemente na distante Rio Grande (fundação do S. C. Rio Grande em 1900) ou na ainda mais distante (e sem ligação com o mar) Santana do Livramento (fundação do E. C. 14 de Julho, em 1902). Devemos entender cada caso isoladamente, portanto, é errado tomarmos como homogênea a entrada e adoção deste esporte em um país continental como o Brasil, menos ainda como derivada de um fato e/ou indivíduo isoladamente.

A “via platina” de inserção do futebol é uma particularidade do Rio Grande do Sul, por sua localização e ligação – tanto geográfica quanto histórica – com os países do Prata, especialmente, é claro, na região da campanha que, por via férrea, fazia trocas não apenas econômicas, mas também culturais¹⁷.

A chegada à fronteira do Rio Grande do Sul “dá-se pela expansão das ferrovias nos países vizinhos até o estado, o que justifica a existência de relatos dessas práticas

¹⁵ GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999. P.24.

¹⁶ JESUS, G. M. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo p.38.

¹⁷ Cabe uma breve contextualização da região do pampa, especialmente a porção em que hoje estão localizados o Rio Grande do Sul e Uruguai. Mesmo quando da formação do Estado-nação Uruguai em 1828 o RS era parte indissociável da realidade geográfica platina, e não algo externo com que se pode estabelecer relações. Neste sentido, quando foi criado o Estado-nação uruguai, em 1828, impôs-se uma fronteira ‘artificial’ dividindo um espaço que até então fora uniformizado cultural e economicamente. Esta ligação, como não poderia deixar de ser, deixou marcas especialmente na região da campanha, num contexto mais atual vemos no final do século XIX a linha férrea manter essa proximidade nas relações tanto comerciais como também culturais, o que englobava essa “novidade” que representava o futebol. Resumo a partir de JESUS. Op.Cit. p.117.

esportivas nas cidades de Uruguaiana e Santana do Livramento antes de 1900”¹⁸ já que a inserção do futebol na Argentina e Uruguai foi anterior, e a difusão pelas ferrovias foi rápida, pequenas localidades fronteiriças puderam conhecer o futebol quase simultaneamente aos grandes centros urbanos brasileiros, exatamente por que a metrópole que essas cidades mantinham maiores conexões era Buenos Aires e Montevideú. Assim, em 1902 vemos surgir o Esporte Clube 14 de Julho, em Santana do Livramento (existente até os dias de hoje), antes mesmo de Pelotas, a cidade mais importante economicamente da região, que inclusive já houvera recebido a visita missionária do Sport Club Rio Grande, mas ainda não tinha nenhuma agremiação formada.

Considerando-se sua localização, distante dos grandes centros urbanos nacionais, das zonas portuárias mais dinâmicas ou de outras atividades potencialmente aglutinadoras de agentes britânicos (minas, grandes fábricas etc.), Livramento certamente estaria alijada do mapa do futebol no Brasil no início do século. Não fosse, é claro, a forte conexão com Montevideo.¹⁹

A inserção do futebol em Pelotas torna-se um objeto bastante relevante para pesquisa pelo fato de não ter a presença inglesa nem a base esportiva alemã dentre sua elite.

1.2. A assimilação do futebol pela elite das charqueadas

Sessão da União Gaúcha, para posse da nova directoria; baile ao ar livre; **partida de bóla, pelo Sport Club**; torneios de argolinhas, pelos sócios do Gaúcha, sendo de ouro as argolinhas e em número de seis. Nos intervalos dessas diversões, serão servidos assados com couro, shopps, vinhos, licôres e doces aos convidados. As três bandas de música, do Club Caixerai, Liga Operária e do 29º Batalhão, tocarão, alternadamente²⁰

Foi desta maneira que a primeira “partida de bóla”, ou melhor, o primeiro jogo de futebol realizado em Pelotas foi anunciado no jornal Diário Popular do dia 05/10/1901, entre as vírgulas que listavam as atrações do grande evento que se daria no dia seguinte na cidade, referente ao aniversário e posse da nova diretoria da associação União Gaúcha. E foi entre um gole e outro de vinho, após os assados e os doces,

¹⁸ PRODANOV, Cleber Cristiano; FERNANDES, Luiz Fernando Framil. **O futebol no Rio Grande do Sul e sua identidade: dos portos e fronteiras para as regiões coloniais**. In: Simpósio Nacional de História, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009, p.3

¹⁹ JESUS Op.Cit., p.145.

²⁰ Jornal Diário Popular 05/10/1901 extraído de RIGO Op.Cit, p.43.

enquanto as bandas de música aqueciam seus instrumentos para o baile mais tarde e em um campo improvisado em pleno Parque Pelotense, (ou, na visão do público daquela tarde “do outro lado do jardim”), que a elite pelotense teve o primeiro contato com um esporte até então desconhecido e exótico chamado originalmente de foot-ball na distante Inglaterra.

Ao contrário do que ocorrera em Porto Alegre em 1903, esta primeira apresentação do Sport Club Rio Grande em 1901, não fizera despertar o interesse por este esporte na elite local, ao menos não a ponto de estimular a criação de times para a prática do futebol, porém, o terreno estava preparado, pois a rica cidade dispunha de uma elite com tempo livre para práticas de lazer e cultura, a ânsia pela modernidade e pela imitação do estilo de vida europeu além de recursos para aquisição de equipamentos e construção de locais para sociabilização, neste caso, locais próprios para disputas esportivas.

A origem dessa opulência, observada no começo do século XX, além de uma industrialização que começa a ser notada, provém essencialmente do saladeirismo. O extenso uso de escravos aliado ao fato da safra durar de novembro a abril proporcionaram, além da riqueza, o ócio dos charqueadores. Desse modo, vimos surgir dentro da elite pelotense o desenvolvimento do gosto por eventos como companhias teatrais, saraus, óperas e outras atividades culturais apropriadas ao gosto sofisticado das elites.

A classe senhorial pelotense, oriunda da rústica atividade saladeiril, uma vez enriquecida e instalada na cidade, adquire hábitos refinados, envia seus filhos a estudar na Europa e promove a modernização urbana nos marcos da influência parisiense: cafés, teatros e parques ajardinados começam a redesenhar o antes acanhado espaço público e a modificar as atitudes cotidianas na direção de uma sociabilidade burguesa.²¹

Reflexo disso foi a fundação em 1883 do Parque Pelotense, um espaço de sociabilização das elites, onde se poderia aproveitar o tempo ocioso com aquilo que o mundo civilizado melhor poderia proporcionar como agradáveis passeios, conversas, um belo jardim, exposições, etc.

Os clubes sociais se disseminavam e com eles as atividades esportivas, dentro da tentativa de reprodução do modo de vida europeu passaram a ser mais valorizadas. Principalmente após a edificação do Prado Pelotense, e a criação de associações

²¹ JESUS Op.Cit., p.145.

esportivas a partir de 1870²², processo que se acentua e amplifica consideravelmente nos primeiros anos de novo século.

Apesar de todos os predicados favoráveis, cerca de três anos se passam entre a visita do S. C. Rio Grande e a formação do primeiro clube na cidade. Mesmo assim a formação do Atlético Foot-Ball Club em 1904 por Otávio Mascarenhas, que teria trazido de Montevideú a primeira bola, livro de regras e bandeira²³ mostra muito mais a influência do Prata do que o reflexo direto da segunda visita do clube riograndino em 1903, desta vez no Prado Pelotense, um local mais apropriado para a prática do futebol (campo plano e longo) e mesmo assim a fundação do Atlético parece ter sido um fato isolado e efêmero naquele momento.

Apenas vamos ver o futebol como prática oficial (e noticiada) de outros clubes esportivos na cidade em 1906, agora sim parecendo ser um ato dentro de um mesmo contexto de “amadurecimento” do novo esporte a ponto de ser merecedor de maior atenção dos clubes e ser praticado com frequência em pelo menos três deles. Foram fundados neste ano o C. S. Internacional, o C. Esportivo e o Foot-Ball Club.

Com o passar do tempo os “exercícios de futebol” que eram partidas entre os associados do mesmo clube passam a atrair maior curiosidade e interesse. Grande importância teve, portanto, a partida entre o C.S Internacional e o Sport Club Rio Grande em 13 de maio de 1906, no Prado Pelotense (que terminaria com acachapantes 6 x 0 para os visitantes). O time riograndino retornava pela terceira vez a cidade mas pela primeira vez teria um adversário.

Nesse período o crescimento do interesse pelo futebol é evidenciado pela preocupação do jornal Diário Popular em divulgar as regras do jogo bem como de veicular os acontecimentos no Prado Pelotense onde os sócios do C.S. Internacional praticavam o jogo. Essa divulgação levaria o conhecimento do jogo para pessoas de fora da elite pioneira que aos poucos começa a praticar o esporte e fundar novos clubes.

Preocupados em preservar e fiscalizar com quem seus sócios mantinham relações, com quem iriam jogar futebol, os clubes maiores da cidade fundaram no ano de 1907 uma liga de futebol – a primeira do estado [...] o pacto estabelecido entre os times pertencentes à liga de só jogar entre si fazia parte de um conjunto de medidas

²² MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Livraria Mundial e Editora da UFPel, 1993. P.158.

²³ ALVES, Eliseu de Mello. **O Futebol em Pelotas, 1901-1941**. Pelotas: Livraria Mundial, 1984, p.14.

cautelosas que se propunham a instrumentalizar o futebol, tornando-o uma prática cultural específica de uma classe social, um costume que deveria ser restrito a poucos²⁴

Vemos um claro objetivo de blindagem de uma forma de sociabilização entre uma elite já plenamente conhecida a fim de cristalizar uma situação que era ideal para ela, ou seja, manter os louros da distinção que o esporte lhe dava. A fundação da Liga Pelotense de Foot-ball teria esse fim. Para exemplificar a observação anterior, vemos em 1908 a diretoria do Sport Club Esperança receber negativa do C.S Internacional no seu pedido (feito por escrito) de um amistoso entre as duas equipes utilizando a desculpa segregacionista de que “por estar filiado a Liga Pelotense de Foot-Ball é impedido de realizar partidas com associações estranhas a mesma Liga”²⁵.

Em função do fracasso da primeira edição da liga disputada em 1908²⁶ ela é abandonada até 1913, quando volta fortalecida, dentro de moldes diferentes. Antes de entrarmos neste multifacetado período, me parece capital entendermos a razão da fusão dos dois maiores clubes da cidade, o C.S internacional e o Foot-Ball Club, dando origem ao S. C. Pelotas em 12 de Outubro de 1908, o que parece ter sido uma estratégia de união desta elite “pioneira” e, por conseguinte na sua visão, merecedora de maior *status* em apenas um clube para “alçar vôos mais altos”. Em outras palavras, após um período em que apenas se praticava o exercício do futebol dentro dos clubes e a organização de partidas e mesmo uma competição entre estes times, o objetivo agora seria “fundir-se numa agremiação fortalecida e de aspirações audaciosas, que se propõe a representar com êxito a cidade, e que não por acaso leva o nome de Sport Club Pelotas”²⁷.

Para demonstrar o poderio de sua elite e o seu cosmopolitismo, os pelotenses buscaram se equiparar aos riograndinos e porto-alegrenses a ponto de poder competir de igual para igual com eles dentro de campo, o que certamente a incorporação de treinamentos para o time principal seria aliado. Para demonstração material desta força seria erguido, pelo S.C. Pelotas no centro da cidade, numa área nobre, portanto, ao contrário do Prado onde eram desenvolvidas as atividades anteriores, um estádio

²⁴ RIGO, L. C. Memórias de um futebol de fronteira. Pelotas, RS, Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2004, p.70-71.

²⁵ Idem, p.70

²⁶ Disputada entre Foot-Ball Club, C.S Internacional e Sport Club União (sendo que este desistiu em meio à competição) ficando apenas dois contendores na disputa. Ssagrando-se campeão o Foot-ball Club.

²⁷ JESUS Op.Cit., p 172

portentoso para o período que seria motivo de orgulho na nova fase do futebol da cidade.

Entre os anos de 1908 e 1912, vemos o futebol sendo utilizado como mecanismo de demonstração de opulência por parte de seus dirigentes, e que tinham, obviamente, outros interesses além dos esportivos. O futebol havia conquistado seu espaço. Ainda não massificado, mesmo assim, o esporte mais praticado e destacado nos jornais.

“De mero coadjuvante entre outros esportes, ele passa a ser uma das modalidades esportivas principais e passa a ser centro de eventos comemorativos de várias cidades da região [...] Nela o futebol inseria-se dentro de uma programação cultural maior, **dirigida e restrita** aos sócios do clube local, uma parte da elite da cidade e seus convidados de honra”.²⁸

Apesar da prática de confraternizações entre os clubes – e as elites que os formavam – ser semelhante àquela de 1901, quando da primeira visita do S.C. Rio Grande, agora o futebol se inseria como o centro das atenções, a motivação do evento, em muitos casos essa ocasião era a inauguração de um novo clube de futebol. As viagens para enfrentamento (uma vez que ainda não existiam campeonatos) se davam no eixo Pelotas-Rio Grande-Bagé e eventualmente Porto Alegre.

Interessante observar que a transcendência, para além do campo de jogo, que o futebol atinge o torna já nesse período tão recuado no tempo um instrumento a ser utilizado politicamente para objetivos diversos como demonstração de cosmopolitismo e exposição comercial dos produtos locais. Tal fato pode ser visto na recepção a um selecionado uruguaio, em 1911, onde a programação incluía, além de atividades culturais e sociais, “visitas a fábricas e charqueadas, podendo evidentemente estar envolvida uma estratégia de promoção/divulgação (e quiçá acordos comerciais) dos produtos pelotenses”²⁹. Até mesmo a capacidade de organização de um grande evento servia para demonstrar bons predicados da classe dirigente local.

Outro ponto a se ressaltar é o poder de mobilização da cidade que tais eventos possuíam. Em função do estádio do S.C. Pelotas, podemos quantificar, através de Alves (1984), os espectadores das partidas citadas. 4 mil pessoas no jogo contra o C. A. Estudantes em 1910, público notável para uma cidade com apenas 37 mil habitantes, ou mesmo na inauguração do estádio do S.C. Pelotas, contra o S.C. Rio Grande, em 1908, ocasião em que se encontravam presentes 3 mil espectadores. “Sem dúvida, o futebol

²⁸ RIGO Op. Cit., p.83-84. Grifo meu.

²⁹ JESUS Op. Cit., p.176.

pelotense se consolidava a passos largos, ainda como elemento da ritualística burguesa, mas já tornando-se espetáculo comercializado”.³⁰

Processo de formação e aparelhamento de clubes a ponto de se equipararem ao poderoso S.C. Pelotas, que deixa de ser o “representante da cidade” e toma parte na reformulada Liga Pelotense de Futebol, em 1913.

No rastro do sucesso de bilheteria do S.C. Pelotas, outros clubes como o S.C. União (1906), Grêmio Sportivo Guarany (1909) e S.C. Rio Branco (1910) se organizam e se aparelham com campos de futebol (um novo elemento que se difunde na paisagem urbana pelotense) devidamente cercados e providos de condições para abrigar público espectador. Com maior estrutura organizacional, treinamento regular e outros investimentos, em breve estarão equiparados tecnicamente ao SC Pelotas. A população pelotense prestigiava o futebol e a cidade reunia enfim condições de formar uma liga simultaneamente estável (isto é, estruturada com clubes organizados), rentável (estádios lotados) e bem sucedida (times de bom nível técnico).³¹

Tal movimentação, exposição e prestígio, destacados anteriormente, certamente deram um “empurrão” para que o futebol pulasse de vez o muro da sede dos clubes de elite e se desenvolvesse pelos demais recantos da cidade. Como já havíamos visto em 1906, vários clubes fora do círculo restrito e elitista dos foram se formando. Não surpreende, desse modo, que em 1912 encontrássemos grande número de times³², muitos deles, com constituição identitária diferenciada dos precedentes:

Começava a ganhar visibilidade, assim, não um ou outro critério exclusivo, mas uma diversidade de traços identitários no futebol, os quais se entrecruzavam, e às vezes, se reforçavam ou se sobrepunham uns aos outros. Ou seja, tinham-se times que se identificavam apenas pela etnia ou classe social e times que agregavam a esse critério outros elementos de identificação, como um bairro, uma escola ou mesmo uma fábrica.³³

Nesse ponto, nos interessa observar o contraste entre a luxuosidade dos encontros esportivo-sociais, regados a vinhos e festins, que ganhavam manchetes nos jornais e a simplicidade dos jogos entre Sport Club Arranca Rabo e Sport Club Monte Bonito, em Monte Bonito, interior da cidade ou do Sport Club Sul América, do Areal contra o Sport Club Camponez, das Três Vendas que, com muito boa vontade eram citadas em notas de rodapé.

³⁰ JESUS Op.Cit, p.173.

³¹ Idem p.176-177.

³² Para ilustrar em números essa progressão geométrica na criação de clubes de futebol, aparecem nomeados nos jornais entre 1900-1910: 10 clubes, entre **1910-1920: 65 clubes**, entre 1920-1930: 75 clubes e entre 1930-1937: 90 clubes. Isso sem contar aqueles com duração efêmera ou pouca significância que sequer deixaram registros. De acordo com (LONER, Beatriz A. **Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888 - 1937**. Tese (Doutorado em sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, 1999) tabelas 9 anexo C, p.600; anexo D, p. 619, anexo E, p. 642 e anexo H, p.683.

³³ RIGO. Op.Cit. p.94.

Cabe notar que nesse momento o futebol está inserido no contexto social pelotense. Nas mais diversas classes sociais e disposições geográficas da cidade, vemos a proliferação de clubes de distintas origens identitárias. Inclusive se abriria espaço para alguns destes clubes na Liga Cassiano do Nascimento, uma espécie de segunda divisão da Liga Pelotense de Futebol, já em 1914, e se mostraria ainda mais específica com a formação, em 1919, da Liga José do Patrocínio, conhecida como a Liga dos Negros. Ainda seria referida em 1922 a existência de uma Liga Acadêmica³⁴.

³⁴ RIGO Op.Cit p.125 mostra, portanto que houve um crescimento gradativo no número de times filiados a Ligas, sendo 69 equipes nos diferentes quadros em 1922.

CAPÍTULO 2 - DO ESPORTE AO ESPETÁCULO

Se da apresentação formal do futebol à elite do charque até a formação dos primeiros clubes vemos uma aparente inércia na assimilação do esporte, em poucos anos vemos uma proliferação em escala geométrica de clubes das mais diversas identificações e ambições. Nessa realidade o futebol ganha as ruas e campos de várzea onde adquire novas características e simbologias que aos poucos modificariam o esporte dentro de um processo de democratização. Entretanto, as amarras ideológicas ainda presentes no futebol das ligas principais e dos times grandes de então continuavam. Para entendê-las, necessitamos estar a par de alguns conceitos sobre discriminação social e racial e defesa do amadorismo, que se confundiam e criavam mecanismos de exclusão do pobre e do negro das maiores ligas do país, o que aos poucos vai sendo modificado em função da crescente espetacularização do esporte e profissionalização dos jogadores.

Essa discussão ganha relevância no presente trabalho pois a cidade de Pelotas vive com precocidade este processo, já na década de 10, com sua liga rica, espetacularizada e com viés comercial, demonstrado pela contratação de verdadeiros craques da época, vindos de grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Montevideú, configurando um escancarado amadorismo marrom, bem como a cobrança de ingressos, constatada em 1919, evidenciando assim uma embrionária relação profissional com o esporte que valeria um alerta ao S.C. Pelotas contra o “profissionalismo que a tudo corrompe” por parte da publicação Rio Grande do Sul Sportivo, naquele mesmo ano.

Da mesma maneira, os conceitos serão importantes para compreensão acerca do surgimento do G.S. Brasil em 1911, em especial a sua memória de clube popular (*ver capítulo. 3.1*). A aceitação de jogadores negros se tornaria um emblema do clube nos anos 20 e especialmente 30.

2.1. Sobre democratização no futebol brasileiro.

Sempre que falamos em democratização do futebol, muitas vezes tratado genericamente por popularização, ou seja, a passagem de um futebol estritamente elitizado, onde os clubes grandes aceitavam somente jogadores oriundos de uma classe social mais alta, brancos e de dentro de seus quadros associativos, para um futebol onde

o critério de aceitação de jogadores seja tão somente técnico, onde os melhores jogadores são buscados para qualificar o desempenho da equipe, independente de classe ou etnia temos que necessariamente passar pela questão da profissionalização no futebol, o amadorismo marrom, bem como evidentemente pela questão social e racial dentro da sociedade brasileira da época. Muito mais do que um somatório de datas e marcos legais, temos que entender essas mudanças como um processo histórico.

Vários autores já se debruçaram sobre este tema e muitos tiveram como fonte principal o clássico livro de Mário Filho, “O negro no futebol brasileiro”³⁵, no qual é narrada a saga do negro em busca de seu espaço dentro do futebol dos brancos. Num dos momentos mais importantes faz referência ao campeonato carioca de 1923, conquistado pelo Vasco da Gama, formado por negros e mulatos. Esse fato teria causado descontentamento entre os clubes de elite, provocando mudanças nos regulamentos da competição no ano seguinte em função deste pioneirismo, o que demonstraria o segregacionismo e elitismo dos “grandes” do futebol carioca naquele momento:

Há uma conhecida versão de que o Vasco da Gama não teria concordado em participar da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), fundada naquele ano por Fluminense, Flamengo, Botafogo, América e Bangu, por entender que o cumprimento das exigências feitas pelos fundadores o levaria a desfazer-se da maioria de seus jogadores negros, pobres, suburbanos e analfabetos. Em razão dessa "rebelião", o Vasco da Gama ficou conhecido como o clube perseguido que enfrentou o racismo no futebol.³⁶

As exigências (não aceitas pelo Vasco) seriam: “ter instalações esportivas e prática generalizada de esportes; indicar o nome do atleta por extenso, assim como endereço e profissão, e jogar aos sábados com os outros clubes não-fundadores”³⁷.

Não apenas o “pioneirismo” do Vasco da Gama, mas também a utilização do referido livro sem uma devida pesquisa em fontes primárias como complementação por acadêmicos foi contestada por Soares (1999a e 1999b), já que essa repetição torna o discurso uniforme e cada vez mais entranhado na academia, na sociedade e também no senso comum.

³⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

³⁶ SILVA, Silvio Ricardo. **Tua imensa torcida é bem feliz ... da relação torcedor com o clube**. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2001. P. 57.

³⁷ Idem.

Para Soares, a questão central na cisão da liga em 1924 não seria a racial, mas sim a ética amadora vigente, já que o Vasco trabalhava sob uma lógica profissional.

A vitória inquestionável do Vasco em 1923 não teria esse tom dramático se simplesmente pensássemos que aquela equipe foi montada com excelentes jogadores, dedicados quase que exclusivamente ao futebol, isto é, que viviam sob uma estrutura semiprofissional bem sucedida em relação aos demais. Não teria o charme que tem caso aqueles que se nutrem de Mário Filho estivessem atentos à própria narrativa de seu inspirador, quando descreve que a equipe do Vasco era treinada exaustivamente por Platero e os jogadores eram superiores em termos de preparação física porque viviam como “meninos de colégio interno”.³⁸

Cita a presença de jogadores negros em outros times da própria AMEA: Bangu e São Cristóvão. “A hipótese racista, como motor das dissidências, é enfraquecida quando o próprio Mário Filho diz que os negros do Bangu teriam sido aceitos na AMEA porque sobre eles não existiam dúvidas quanto ao amadorismo”,³⁹ já que eram operários da fábrica de tecidos Progresso Industrial Ltda., localizada no bairro que deu nome ao clube. Acerca desta questão, Silva (1999) opina:

O pioneirismo do Vasco da Gama não foi o de ter em sua equipe principal jogadores pobres e negros, pois outras agremiações já o faziam, mas em dar condição aos seus jogadores de enfrentar os grandes adversários, na sua maioria, pertencentes à elite carioca.⁴⁰

Para Helal e Gordon Jr (1999) “as representações culturais a respeito das relações entre as raças manifestavam-se dentro do universo futebolístico como na sociedade brasileira em geral”⁴¹. Em cima disso, Silva (2006) considera um erro dissociar a questão da distinção social da racial em um país recém saído da escravidão, onde os empregos subalternos seriam dispensados essencialmente aos negros e mulatos. Assim, “o olhar reprovador destinado pelas elites dominantes aos atletas pretos decorria menos do preconceito racial do que do desejo de manter a ética do amadorismo”⁴².

Com o término da ordem escravocrata e a ascensão de uma outra ordem hierárquica, a “cor” passou a ser metáfora para a “raça”. E entre nós, a “raça” / “cor”, o status e a classe são noções umbilicalmente atreladas [...] No Brasil, a ideia da raça, isto é, da

³⁸ SOARES, Antônio Jorge. **O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade**. Revista paulista de educação física / Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física jan./jun. 119-29, 1999 p. 127.

³⁹ Idem p.126.

⁴⁰ SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. **O Vasco é o time da virada, O Vasco é o time do amor**. Revista Eletrônica Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 4, nº 13. Buenos Aires, março, 1999 apud SILVA 2001, Op.Cit.p.59.

⁴¹ HELAL, Ronaldo e GORDON JÚNIOR, Cesar. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. Estudos Históricos, vol. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999, p. 147-165. P.151.

⁴² SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. **Sobre O negro no futebol brasileiro, de Mário Filho** in Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional / Francisco Carlos Teixeira da Silva, Ricardo Pinto dos Santos – Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ. Volume 2, p.296

cor é muito afetada pela estrutura de classe (racismo de dupla face). Daí a informação segundo a qual o “dinheiro embranquece”.⁴³

Até por isso, o exemplo de Joaquim Prado, membro de tradicional família paulista, negro e jogador do requintado Paulistano, de São Paulo citado por Soares (1999a), serve como exemplo desse “embranquecimento”. No caso, o preconceito racial se confundiria ou desapareceria com a ideia de distinção social. Ou na visão de Soares: não caberiam dúvidas sobre sua condição de amador por sua posição na sociedade.

Seja qual for o ponto de vista, observamos mecanismos de exclusão evidentes dentro do futebol. “Por perceberem as classes trabalhadoras – seus atletas, clubes e “torcedores” – enquanto uma ameaça, não restou alternativa às elites senão transformarem a prática do amadorismo numa ideologia e se refugiarem nos clubes e ligas que lhes deram suporte”⁴⁴. Desse modo, observamos a dificuldade de acesso aos times principais de membros das classes mais baixas sem o advento do profissionalismo.

A lógica do amadorismo não pode ser completamente abstraída do ambiente ideológico e do contexto cultural em que este estava absorvido. A defesa do amadorismo - explícita ou implicitamente - era a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares [...] Sem o profissionalismo não haveria meios pelos quais os extratos sócio-econômicos inferiores pudessem fornecer sistematicamente jogadores de futebol com o devido preparo atlético para competir em torneios oficiais, organizados pelas ligas.⁴⁵

Interessante observar que o exemplo carioca, apesar de ser o mais explorado pela bibliografia, não é isolado, faz parte do mesmo processo que vemos, por exemplo, em Porto Alegre e Pelotas, exatamente pela distinção social e capital simbólico que este esporte importado da Europa possuía.

A assimilação de jogadores de classes sociais diferentes das que identificavam os times principais – pertencentes à elite pioneira – fez com que se criasse como subterfúgio um “meio termo” entre o amadorismo puro e o profissionalismo - que seria reconhecido em 1933 no Rio de Janeiro e sacramentado para todo o país em 1937. Tratava-se do chamado “amadorismo marrom”, prática que convinha para os times que queriam manter – ao menos em aparência – a ética amadora, mas tinham uma ambição menos sublime: vencer. Para tanto, dispunham de auxílios financeiros para jogadores de

⁴³ SILVA Carlos Leonardo Bahiense. Op. Cit, p. 297.

⁴⁴ DAMO. Op. Cit. p.31.

⁴⁵ HELAL e GORDON JR. Op.Cit. p.157.

habilidade futebolística reconhecida, que em muitos casos viviam apenas dos vencimentos obtidos no futebol, mesmo não tendo a profissão regularizada.

Prática que se alastra, especialmente na década de 20. Essa relação hipócrita, de tentar manter uma ética amadora, expressão que vinha ficando oca de sentido, somente começa a ser questionada e aventada a possibilidade de profissionalização do esporte no começo da década de 30, quando os grandes jogadores do Brasil se transferem para países onde o futebol já era profissionalizado, tais como Uruguai, Argentina e Itália, como diz Amilcar Barbuy, um destes atletas:

Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas. Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador.⁴⁶

Dirigentes de alguns clubes e especialmente parte da imprensa colaboram para a implementação do profissionalismo, em boa parte, para estancar a derrama de craques para o exterior, pois “o futebol começava a ser visto como espetáculo, onde os espectadores querem observar os grandes artistas defendendo seu clube de predileção”.⁴⁷ Notamos pelas palavras de Barbuy que o esporte que tentava aparentar amadorismo já dispunha de boas receitas, fruto em especial da bilheteria, que por sua vez demonstrava que seu nível de competitividade e identificação clubística podia tornar os clubes sustentáveis economicamente a ponto de conseguir arcar com despesas inerentes ao profissionalismo, muito mais reconhecido social e legalmente do que instituído em 1933.

Damo (1998) denomina este processo de “democratização funcional”, pois a mesma elite continuou dirigindo os clubes e ligas. Portanto, as medidas suprimiram interesses das classes hegemônicas que apenas redefiniram as questões raciais. No entanto, alerta para que não entendamos este processo como uma popularização imposta. Apesar de ter sido funcional, ou de “cima para baixo”, ela não foi um engodo, uma maneira de alienar ou distrair as massas de problemas maiores como já foi aventado por outros autores:

⁴⁶ CORREA, Floriano. **Grandezas e Misérias do Nosso Futebol**. Rio de Janeiro: Flores & Mano Editores, 1937 p.127 apud YAMANDU. W e GÓIS JÚNIOR, E. **Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920-1930)**. Recorde: Revista de História do Esporte vol. 5, n. 2, junho-dezembro de 2012, p. 1-13. P.4.

⁴⁷ YAMANDU. W e GÓIS JÚNIOR, E. Op.Cit. p.10-11.

O futebol não foi inventado pelas classes altas com fins espúrios, se é que se pode pensar em termos de finalidade, e tampouco foi assimilado passivamente pela "massa". Pelo contrário, a presença das classes trabalhadoras deu novos contornos ao fenômeno esportivo, especialmente ao futebol.⁴⁸

Para o entendimento da situação de Pelotas, e em especial da memória do G.E. Brasil como clube popular, me parece essencial o conhecimento destes conceitos, bem como de exemplos da mesma época em outras localidades, já que Pelotas vivencia este processo com grande intensidade e precocidade.

2.2. 1913-1919 - A breve década emblemática do futebol pelotense.

Nestas linhas fica o nosso appello aos responsáveis pela tradição e pelo futuro do S. C. Pelotas, para que se desfaçam do elemento profissional, que tem servido unicamente para corromper a nossa mocidade. Ainda é tempo de oppôr um dique a esta vertigem em que se atiraram alguns dirigentes da gloriosa associação pelotense.⁴⁹

O alerta feito pela publicação Rio Grande do Sul Sportivo impressiona muito menos pelo conteúdo, pois está dentro do que já vimos no subcapítulo anterior, mas muito mais pela data da publicação: 1919.

A precocidade do alerta deriva das intensas práticas de “amadorismo marrom” utilizadas não apenas pelo S.C. Pelotas, mas também pelos demais clubes da Liga Pelotense de Futebol, desde o recomeço desta, em 1913, acentuado após 1915. O fato de o destinatário do recado ser o aristocrático S.C. Pelotas tem um simbolismo ainda maior, pois se tratava do clube que foi o “representante da cidade” por alguns anos e continuava sendo o coirmão mais velho e mais respeitado, um clube referencial que, em tese, deveria dar o bom exemplo aos demais.

Como vimos no capítulo anterior, o futebol pelotense no começo da década de 1910 já gozava, além de grande prestígio entre as elites e seus clubes, de grande inserção nos bairros, onde clubes de diferentes identidades e classes sociais eram fundados. Além disso, clubes “grandes”⁵⁰ como S.C. União, G.S. Guarany e S.C. Rio Branco edificam seus *grounds*, investindo e se equiparando ao S.C. Pelotas, dando condições para formação de uma liga forte e estruturada.

⁴⁸ DAMO 1998 Op.Cit p.30-31

⁴⁹ Rio Grande do Sul Sportivo, 1919. P.290.

⁵⁰ Entenderemos como “grande” neste momento aqueles clubes com capital econômico, estrutura, bem como prestígio social de seus integrantes em contraposição aos clubes “pequenos”, ou seja, clubes de bairro sem uma grande estrutura e sem inserção social maior na cidade.

Naturalmente, esses estádios eram edificados porque era de conhecimento de todos a existência de público – em muitos casos sócios – suficiente para uma plena ocupação e utilização de seus pavilhões e demais instalações, termômetro disto foram as partidas que o S.C. Pelotas disputou contra adversários de fora da cidade, em seu estádio, entre 1908 e 1912. Podemos inferir que objetivos comerciais, além dos meramente esportivos, auxiliaram a erigir os estádios. Em outras palavras, a concepção de uma indústria do entretenimento estava em curso.

Ao contrário dos *matches* demonstrativos de outrora, quando a aristocracia local regozijava-se ao assistir a jogos entre compadres, sócios do clube “A” jogando contra associados do clube “B”, agora víamos jogos competitivos, incluindo jogadores “de carreira”, com passagem por grandes centros do país, transformando Pelotas no “terceiro maior centro futebolístico nos anos 1910, superado apenas por Rio de Janeiro e São Paulo”⁵¹.

Tal era o grau de competitividade que o S.C. Pelotas após triunfar, como esperado, em 1913, sendo campeão no 1º e 2º quadros, viu o S.C. Rio Branco levantar a taça de campeão em 1914. Para voltar a ter a hegemonia municipal em 1915 e 1916, contrata grandes jogadores, dentre os quais, destaque para os irmãos uruguaios Juan e Augusto Bertone, craques de primeira linha, que jogavam pelo América do Rio de Janeiro, além de Norberto Ojeda, outro uruguaio⁵². De São Paulo, o S.C. Pelotas trouxe Décio Viccari⁵³, um jogador altamente valorizado no mercado ainda recente de atletas “profissionais”.

Na vizinha cidade de Rio Grande um processo semelhante pode ser citado a partir do exemplo do S.C. Rio Grande que, em 1912, ano de implantação de sua Liga municipal, contrata pela grande quantia de 7 contos de réis o treinador/instrutor inglês Charles Willians⁵⁴. Até mesmo pela rivalidade entre as duas cidades e especialmente entre seus times mais representativos – S.C. Rio Grande e S.C. Pelotas, que inclusive

⁵¹ JESUS Op.Cit. p. 165.

⁵² RIGO, L. C. **Nomadismo e miscigenação no futebol pelotense**. Movimento, Porto Alegre, v.9, n. 3, p.149-161, set./dez. de 2003. p.152.

⁵³ Um atacante de carreira impressionante: em 1910 é campeão e goleador do campeonato carioca, atuando pelo Botafogo e, em 1912 e 1913 sagra-se campeão paulista pelo S.C. Americano, de Santos, onde também foi goleador nos anos de 1911 e 1913 Sobre Décio campeão no C.R. Botafogo ver Revista Placar nº 375, Julho 1977, p.24, já sobre título e artilharia de Décio no S.C. Americano ver Revista Placar nº 1073, Agosto, 1992, p.15.

⁵⁴ RIGO 2004 Op.Cit. p.135

havia rompido relações em função de uma querela esportiva decorrente de um jogo em 1912.

A presença destes grandes jogadores no time pelotense se torna mais significativa, não somente para suplantar seus adversários em âmbito municipal, mas também para demonstração de força fora de Pelotas, transcendendo as questões esportivas mais uma vez, agora tentando demonstrar superioridade da velha capital do charque não só diante da vizinha Rio Grande, como também em relação a crescente capital do estado Porto Alegre. Como em 1915, quando desafiou o Grêmio FBPA, em Porto Alegre, e venceu facilmente por 5 a 2, em reconhecimento a esse fato, a população de Pelotas faz uma grandiosa recepção ao vitorioso time pelotense⁵⁵.

Outros exemplos ajudam a perceber o investimento dos clubes da liga em estrutura, como a ação pioneira do S.C. Rio Branco (campeão de 1914) de implementar a iluminação em seu estádio em 1915, tornando possível a realização de jogos noturnos antes de qualquer outro clube no Brasil⁵⁶. Esse pioneirismo é crível, sabendo-se que a eletrificação na cidade de Pelotas já havia tido início⁵⁷ e instituições com boas possibilidades financeiras como os clubes de futebol estarem na vanguarda em relação a esta modernidade, me parece não apenas possível mas também provável.

O S.C. Pelotas, possivelmente para se igualar ao campeão de 1914 e não ficar atrás no quesito estrutural, se equipa com eletrificação quando da remodelação do seu estádio, começada no fim de 1916. “A praça do Pelotas e os seus vários pavilhões são todos iluminados á luz electrica. A installação é subterranea e os postes muito elegantes e bem dispostos”⁵⁸. De que maneira esses postes estavam dispostos e se possibilitavam jogos noturnos em uma área grande como um campo de futebol é difícil precisar, até por que o grau de exigência de iluminação para realizar uma partida em 1917 certamente era muito menor do que o que temos atualmente, já que não havia transmissões de TV nem mesmo de rádio - e o caso o S.C. Rio Branco deve se encaixar da mesma maneira. Mas se não havia jogos – até pela falta de costume da torcida em frequentar estádio à noite, e mesmo pela visualização deficitária – pelo menos haveria treinamentos físicos e

⁵⁵ Rio Grande do Sul Sportivo 1919, p.285.

⁵⁶ ALVES Op.Cit, p.47; JESUS Op.Cit. p.179.

⁵⁷ BORGES, Geruza Esteves. **A energia elétrica como campo de pesquisa: os primórdios da eletrificação em Pelotas (1914-1916)**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

⁵⁸ Rio Grande Sportivo, 1919. P.288.

técnicos, pequenos “bate-bolas”, jogos recreativos, enfim, entre tantas outras atividades esportivas e sociais que a iluminação, como advento, progressivamente vai proporcionando.

A referida remodelação do *ground* do S.C. Pelotas dura 10 meses, transformando-a na principal praça de desportos do Estado até então e expõe alguns cuidados especiais que claramente buscam aprimorar o espetáculo, como o sistema de drenagem do campo, a visão que o espectador teria do jogo, bem como as informações detalhadas acerca do mesmo:

O campo de ‘foot-ball’ é magnífico: Perfeitamente gramado, tem as dimensões próprias para “matches” officiaes, 109,60m por 72,15m e foi promptificado sobre uma verdadeira rede de drains [...] O seu nivel é muito superior ao resto do terreno. Além disso, tem um pequeno declive para ambos os lados, o que facilita o escoamento rapido das aguas.

E’ circundado por duas cercas de tela de arame, sendo uma mais baixa, de pequeno xadrez e outra alta, typo Page. Assim é que os espectadores ficam bem afastados dos “players”, podendo, entretanto, apreciar o jogo, em todos os seus detalhes.

Em lugar bem visível, logo á entrada da grande praça, existe um alteroso mastro semaphorico que marca o resultado dos jogos, em todos os seus detalhes.⁵⁹

Estas preocupações com detalhes ligados ao espetáculo provavelmente tem ligação com o grande afluxo de público aos jogos e naturais necessidades comerciais dos clubes. Vestígio disso podemos observar na cobrança de ingressos.

De acordo com publicação do jornal “O Rebate” de 30/05/1919⁶⁰, contendo anúncio convidando os torcedores para o jogo entre G.S. Brasil e S.C. Pelotas, no dia seguinte, no campo do Brasil, podemos aferir que havia a possibilidade de um público heterogêneo socialmente em função de grande variação de preços, os quais iam de 15.000 para os camarotes, até 2.000 para “entradas geraes”, passando por 3.000 para o Pavilhão, havendo ainda a possibilidade de meias entradas a 1.000⁶¹.

Ao mesmo tempo, vemos uma atenção dada a outros esportes dentro da reforma do estádio do Pelotas, por exemplo, a construção de uma pista de patinagem e duas

⁵⁹ Rio Grande do Sul Sportivo, 1919. P.287-8.

⁶⁰ Foto da publicação original em RIGO, Op.Cit. p.143.

⁶¹ Os requisitos para meia entrada não estão explicitados, mas o anúncio deixa claro a gratuidade para sócios do clube e seus familiares bem como para crianças com menos de 10 anos, portanto além de verificarmos que os não sócios eram bem vindos - desde que pagassem. Para os outros clubes não há fontes dentro da atual bibliografia que forneçam dados referentes a este tipo de cobrança, embora pareça improvável que apenas o Brasil o fizesse, especialmente pela riqueza dos clubes e capacidade dos estádios.

quadras de tênis⁶². Esta atenção pode apontar uma cisão, ou mesmo desmotivação em relação ao futebol, em função de sua popularização, dentre os sócios e membros da direção mais conservadores, especialmente pela suposta presença de jogadores oriundos de classes sociais mais baixas em outros times da liga, especialmente o negro Valdomiro Victório, o “Babá” no G.S. Brasil, como sugere Jesus (2001). Mas também é possível que houvesse discordância da própria maneira como o S.C. Pelotas estava sendo dirigido, pelos mesmos motivos pelos quais o Rio Grande do Sul Sportivo criticava “alguns dirigentes” do clube, pela utilização do “elemento profissional” em suas gestões.

Digo isto, pois o Pelotas não deixa de investir no futebol nos anos subsequentes para tentar suplantar o G.S. Brasil e retomar a hegemonia perdida entre 1917 e 1919.

Nos tres ultimos anos o S.C. Pelotas tem procurado, por todos os meios ao seu alcance, restabelecer o ponto de destaque que sempre occupou no foot-ball gaúcho. Tendo-lhe sido insufficientes os elementos rio grandenses, a pujante associação sulista tem feito ingressar em seus quadros elementos de grande valor, verdadeiros “cracks” do foot-ball association. Irmãos Bertone, Isengaray, Decio Viccari, Pereira, Viola, Beto Novelli, Varela, Italo, Brianza, Ydarnes, Tuffi e tantos outros possuem o S.C. Pelotas em sua galeria de honra⁶³

Assim como a presença de Décio Viccari em 1915/16, chamo a atenção para a presença do histórico goleiro Tuffy nos quadros do S.C. Pelotas em 1919, tido com um dos melhores goleiros da época no Brasil, trazidos com forte aporte financeiro.

Grandes sommas lhe têm custado a importação desses elementos, dos quaes, em verdade, não tem tirado diretamente maior proveito. Queremos nos referir aos resultados dos matches em que tem figurado os elementos acima citados.⁶⁴

O mais provável é que tenha sido feita uma acomodação interna dentro do clube para agradar um número maior de sócios⁶⁵ com mais opções esportivas – esportes com a distinção que o futebol ia deixando de ter na medida em que ia se popularizando e adotando práticas profissionais.

Nessa clivagem interna, como reflete Damo (1998), “a elite que optou pelo profissionalismo assumiu os postos diretivos monopolizando o gerenciamento de uma prática que contribuíram para inventar, mas que, progressivamente, estava lhes fugindo

⁶² Rio Grande do Sul Sportivo, 1919, p.288.

⁶³ Idem, p.290.

⁶⁴ Rio Grande do Sul Sportivo, p.289.

⁶⁵ O clube possuía 700 sócios em 1919, número expressivo para a época. De acordo com Rio Grande do Sul Sportivo, 1919, p.288.

ao controle”⁶⁶. Assim, com o tempo acabam vencendo a “queda de braço” interna dentro dos clubes os menos conservadores e o futebol ganha novas conotações simbólicas que aproximam as classes trabalhadoras e afastam parte da elite que recorre aos esportes em que reconhecem as simbologias e deferências que viam no futebol anteriormente e naquele momento não viam mais.

O afastamento de parte da elite dos clubes se traduz, na queda de prestígio e investimento no futebol em um primeiro momento, reflexo observado por Jesus (2001) na diminuição de espaço reservado ao futebol nos jornais em detrimento a outros esportes como o turfe, por exemplo, no começo da década de 20. O autor ainda cita o fato de Pelotas, ao contrário de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, não ter condições de comportar um futebol competitivo, como na década de 1910, sem o aporte financeiro e social das elites que o abandonavam.

Outro motivo, e provavelmente o mais definitivo para demarcar os limites estabelecidos até os dias de hoje para o futebol de Pelotas, foi a inversão da curva dos investimentos possíveis, ou seja, enquanto Pelotas gozava dos louros da economia do charque, o futebol como espetáculo, era ainda incipiente no Brasil, possibilitando a contratação dos melhores jogadores de grandes centros, como Décio Viccari e Tuffy, por exemplo. Mas na medida em que esse “mercado futebolístico” vai se consolidando nos anos 20, 30 e 40, Pelotas, por seu turno, vai progressivamente perdendo importância econômica e capacidade de investimento no futebol.

Deste modo, o investimento maciço observado até 1919 passa por um estancamento após 1920 e a liga aos poucos vai ganhando novos contornos. É quando se agudiza o processo de popularização do futebol tanto nas arquibancadas quanto dentro de campo e também quando a cidade de Pelotas começa a deixar definitivamente para o passado os ares de opulência econômica e a vertente aristocrática que o charque lhe proporcionara. Aos poucos a *belle époque pampeana* vira mais um capítulo nos livros de história – e um elemento importante na memória coletiva da cidade. Em seu lugar nasce a cidade fabril e prestadora de serviços, que, no entanto, continua sendo a cidade polo da região.

Assim como a cidade o futebol também muda de cara, de mãos e de corações. Como herança de sua fabulosa aventura esportiva, a elite do charque deixa a paixão pelo

⁶⁶ DAMO, Op. Cit. P. 31-32.

futebol e os profundos vínculos afetivos de pertencimento aos clubes que criaram para si e que o povo abraçou como seus.

2.3. Decadência econômica: Reflexos esportivos.

Quando da formação dos principais clubes pelotenses nas duas primeiras décadas do século XX, a economia do charque já estava em processo de decadência desde 1890, mas sua elite, por sua condição latifundiária e pela distribuição de renda pouco homogênea na região, continuava com um estilo de vida e de sociabilidade intactos, propiciando entre outras coisas o investimento no futebol, que por sua vez acompanha a paradoxal euforia econômica propiciada pela irrupção da Primeira Guerra Mundial, quando seu produto principal ganha mercado e preço.

Desse modo, as contratações de grandes jogadores, provenientes de grandes centros, e as reformas dos estádios como o do S.C. Pelotas, em 1916, bem como a construção de outros como o do G.S. Brasil no mesmo ano, por exemplo, estão inseridos dentro de um contexto socioeconômico mais amplo.

Estes ganhos se mostrariam efêmeros, e com o final da contenda mundial a queda de rendimentos dos empresários locais se refletiria na diminuição da possibilidade de investimento no futebol dos clubes locais nas décadas seguintes. No entanto, em um primeiro momento:

As sobras de um período anterior, não muito distante, de uma certa opulência econômica e cultural, aliada ao fato de ter sido pioneira no processo de consolidação do futebol no Estado, bem como por desfrutar de uma posição geográfica estratégica, cercada por linhas ferroviárias e rodoviárias que facilitavam o intercâmbio com outras cidades, propiciou ao futebol, ao menos temporariamente, ignorar o momento de descenso econômico pelo qual passava Pelotas.⁶⁷

Não apenas o futebol de Pelotas, mas todo o “eixo-sul”, Bagé-Pelotas-Rio Grande-Livramento, consegue nas décadas de 20 e 30 superar o futebol porto-alegrense. Nas primeiras 19 edições do campeonato gaúcho, entre 1919 e 1939, os times da capital venceram em 9 ocasiões enquanto os do eixo-sul vencem 10 vezes⁶⁸: **Livramento, 1** (Grêmio Foot-Ball Santanense, 1937); **Rio Grande, 3** (S.C. São Paulo, 1933, S.C. Rio Grande, 1936 e F.C. Rio Grandense, 1939); **Bagé, 3** (Guarany F.C., 1920 e 1938 e G. E.

⁶⁷ RIGO 2004. Op.Cit, p. 124.

⁶⁸ Dados a seguir retirados de < http://www.campeoesdofutebol.com.br/rio_grande_sul.html> acessado em 11/11/2013.

Bagé, 1925) e **Pelotas, 3** (G.E. Brasil, 1919, E.C. Pelotas, 1930 e G.A. Farroupilha, 1935⁶⁹). Podemos citar ainda os 9 vice-campeonatos do eixo-sul, sendo 4 destes dos dois times de Bagé, o que demonstra a força que a cidade vinha ganhando em relação, principalmente, a Pelotas no decorrer da década de 20.

O futebol de Pelotas, que apesar da recessão mostrava um relativo sucesso estadual parece mais uma vez transcender o campo de jogo e se tornar uma espécie de foco de resistência de Pelotas e região diante da inexorável decadência econômica, Rigo (2004) apura esta impressão a partir de depoimentos, mas em face da tradicional divisão política gaúcha, bastante intensa no período. Essa hipótese parece presumível, ainda mais admitindo o forte orgulho da velha capital do charque.

A década de 40, no entanto, chegaria para mostrar que a alternância nas conquistas, que no período anterior se dava entre equipes de Porto Alegre e da Região Sul, daria lugar definitivamente ao que se tornaria a dicotomia clássica do futebol gaúcho: a rivalidade entre S.C. Internacional e Grêmio FBPA, ambos de Porto Alegre.

A década de quarenta representa, sob todos os aspectos, um novo panorama futebolístico em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Várias mudanças iniciadas na década de trinta são consignadas ou aceleradas, entre elas a opção definitiva pelo profissionalismo, a regionalização das disputas, o aumento do número de jogos, a constituição de um público "torcedor", a expansão da mídia esportiva e, acima de tudo, a afirmação do negro no futebol regional⁷⁰

O reconhecimento do profissionalismo e a modificação das relações entre torcedor e clube, que agora se baseavam na quantificação e não mais na distinção – até mesmo como forma de sustentação desta profissionalização – acaba por definir Porto Alegre e seus principais times como dominantes em âmbito estadual. Com momentos de predomínio ora de um, ora de outro, nos 73 anos seguintes (1940-2013) o título somente teve dono diferente em três ocasiões, e mesmo assim com outro time de Porto Alegre, o G.E. Renner, em 1954, e dois times de Caxias do Sul, o E.C. Juventude, em 1998 e o S.E.R. Caxias, em 2000, times das duas cidades mais industrializadas e enriquecidas.

Paradoxalmente, Pelotas, a cidade que suscitara preocupantes alertas quanto ao seu profissionalismo precoce na década de 1910, ainda utilizaria em meados da década de 1940 subterfúgios típicos do amadorismo marrom. O que caracterizaria esse momento seria a tríade *fábrica-operário/jogador-times*.

⁶⁹ Em 1935 o nome ainda era “9º Regimento de Infantaria do Exército Brasileiro”.

⁷⁰ DAMO. Op.Cit, p. 105

As fábricas eram usadas para aliciar jogadores de times menores da cidade e de cidades vizinhas. “Lá no Anglo eu peguei por que jogava futebol”⁷¹. Este tipo de relação contentava todas as partes: os jogadores/operários tinham a garantia de um emprego em um momento de profunda crise na região – contando com regalias como horário especial para treinamento; os donos das fábricas, senhores de posses com fortes ligações com os clubes, colaboravam com estes por baixo investimento, conservavam o paradigma do amadorismo⁷² e ainda por cima ganhavam um operário – mesmo que com carga horária reduzida; já os clubes se mantinham abastecidos de jogadores relativamente qualificados, garimpados pelos olheiros das fábricas, “eles cuidavam os melhores jogadores e chegavam: não quer trabalhar numa firma?”⁷³.

Evidentemente, com este modelo semiamador, a competitividade dos times da cidade tendia a diminuir e o êxodo dos melhores jogadores a aumentar, especialmente em direção à capital do estado em busca de contratos profissionais. Na tentativa de estancar este processo o profissionalismo é implantado na cidade ainda na década de 40.

A relação direta entre o porte da cidade e o poderio esportivo de seus clubes é explicada por Jesus (2001), utilizando os estudos de John Bale e Loïc Ravenel tendo por base dois pontos “a maior arrecadação financeira decorrente do grande número de sócios e torcedores (fator demográfico local e área de influência da cidade); e a possibilidade de patrocínio das empresas (fator econômico) ou mesmo de agentes políticos locais”⁷⁴

No entanto, um aspecto que nos interessa trazer para o próximo capítulo diz respeito a como a rápida “metropolização do Gre-Nal”⁷⁵ esbarra em Pelotas em um bolsão de torcedores que continua a torcer por seus times locais, a despeito da falta de grandes conquistas – e mesmo perspectivas destas – a ponto de constar um time local, o G.E. Brasil, como o “time do coração” mais citado por sua população em pesquisa de opinião de 2008.

⁷¹ Entrevista de “Seu Chambão” extraído de RIGO 2004, Op. Cit, p.139, no caso se refere ao Frigorífico Anglo, grande fonte de empregos naquele momento e também fonte de jogadores para os principais times da cidade.

⁷² Mesmo em meados dos anos 40 os clubes continuavam a afirmar a sua condição amadorística.

⁷³ Entrevista de “Seu Negrito”, extraído de RIGO 2004, Op. Cit, p.139.

⁷⁴ JESUS. Op.Cit, p. 209.

⁷⁵ Idem, p.206. É descrito como uma dominação (política e/ou econômica) de determinada cidade em uma área cada vez maior. No caso, não apenas os resultados de campo e afinidades clubísticas que formariam o sentimento de pertencimento àqueles clubes, mas também a mídia aproximaria os dois maiores times da capital com os torcedores de localidade distantes no interior do estado.

CAPÍTULO 3 - MEMÓRIA E IDENTIDADE “XAVANTES”.

“Ser Brasil é devoção”

Sem dúvida, o torcedor do Brasil é um devoto. **É um devoto de pensamento e ação. Quando a fé não basta para levar seu time à frente em busca da tão sonhada vitória, ele age.** O Xavante sempre é multidão. Camisa de manga arregaçada, calça ou bermuda e sandália nos pés, lá vai o Xavante acenando sua poderosa bandeira vermelha e preta, que nas suas mãos simboliza o elemento místico da própria devoção: Xavantismo.

O Xavante está em todos os lugares. Ele está nas repartições públicas, nos bancos, no comércio, nas fábricas. Mora em palacetes da zona norte da cidade, na Gonçalves Chaves, na Andrade Neves e Dom Joaquim. **Mas a sua absoluta maioria vem mesmo é do subúrbio.** Vêm dos blocos de apartamentos coletivos dos bairros e vilas populares que cercam a cidade formando os cinturões de miséria, comuns em todas as grandes cidades brasileiras.

Esse é o Brasil que faz milagres. Enfrenta, briga, topa a parada. **Chega ao sacrifício, lota estádio e tem sempre a impetuosidade de um braço erguido e um urro de leão explodindo da garganta para levar o time à vitória. ‘Brasil, Brasil, Brasil’**”⁷⁶

A partir desta descrição feita após a partida entre G.E. Brasil x Grêmio FBPA, em 1979, vemos os elementos utilizados pela revista para construir a imagem da torcida do Brasil que também serão explorados pelos jornais no estudo de caso.

No segundo parágrafo caracteriza a torcida do Brasil como vinda essencialmente das classes populares, o que está umbilicalmente ligado ao passado popular do clube, especialmente na década de 30 quando a aceitação dos jogadores negros se torna um emblema, em contraposição ao rival S.C. Pelotas que se mantêm alheio a esta prática até meados da década seguinte. (*tratado no capítulo 3.1*); No primeiro e último parágrafos faz referência ao ‘modo xavante de ser e torcer’, ou seja, sua fidelidade e dedicação comparáveis à ‘devoção’, com a presença maciça no estádio e a disposição de gritar, carregar bandeiras, enfim “agir” para ajudar o time dentro da prática torcedora (*tratado no capítulo. 3.2*);

No recorte, vemos um xavante “idealizado”. Esculpido e encaixado dentro da memória que o precede. Para entendermos como se constrói esta imagem do “xavante ideal” – que dentro da proposta da revista é um “xavante padrão” – veremos nesse capítulo, além da memória, uma abordagem teórica da identidade xavante.

⁷⁶ Revista “Extremo sul” - Abril de 1979 - Ano 1, nº 2. P.26.

3.1. O Brasil de Pelotas e sua memória de clube popular.

Brasil, Brasil, Brasil!

As tuas cores são o nosso sangue e a nossa raça”⁷⁷

(Trecho do hino do Grêmio Esportivo Brasil)

O hino do G.E. Brasil, composto em 1956, trás no seu refrão parte importante da memória do clube, construída ao longo das décadas precedentes, como Aldyr Garcia Schlee⁷⁸ resume no texto feito para o livro *Identidade Xavante*:

O vermelho do sangue e o preto da raça, que vem marcando e caracterizando não só as cores do time, mas o espírito do time e a sua própria constituição primordial. E que nos remetem ao tempo em que o estigma do preconceito e da intolerância via o Grêmio Esportivo Brasil como o time da “negrada” – um time que, apesar da deliberada exclusão, foi se expondo e se impondo, vitória a vitória, conquista a conquista, até que se abrandasse a intolerância, mas, mantido o preconceito, apelidassem nossos craques de “negrinhos da estação”⁷⁹

Podemos localizar a formação desta memória de clube popular, com bases bastante sólidas na atual bibliografia, nos anos 20 e 30, quando o Brasil, que havia sido o primeiro a aceitar um jogador negro, Valdomiro Victório, vulgo Babá, em 1917, começa a tornar a democratização mencionada no subcapítulo 2.1 em um processo, incorporando outros jogadores negros como Gradim e Ivo, em 1925, e Fruto, em 1929. Mas é a partir da década de 30, especialmente o ano de 1931, que “a marca forte do jogador negro no Brasil foi consolidando-se, estendendo-se por toda a década e adentrando a seguinte”⁸⁰.

Esse processo de incorporação de atletas negros, além de ter sido uma estratégia que qualificava significativamente as equipes do Brasil, acabou por fortalecer o veio popular do clube. Ao longo da década de 30, a presença de jogadores negros se fortaleceu, tornou-se uma constante e virou uma espécie de emblema⁸¹

O crescente vínculo com as classes populares e o próprio emblema de time popular se criam, portanto, por seus atos, mas certamente ganham em dimensão em

⁷⁷ Hino composto em 1956 por José Costa.

⁷⁸ Torcedor xavante, nascido em 1934, na cidade de Jaguarão, fronteira com o Uruguai, Aldyr Garcia Schlee é escritor e jornalista. Autor de livros como “Contos de Futebol” e “El dia en que el papa fue a Melo”, ambos lançados no Uruguai e posteriormente traduzidos e publicados no Brasil. Schlee ficou conhecido, ainda muito jovem, por desenhar o uniforme da Seleção Brasileira que conhecemos hoje, mais tarde batizado de “canarinho”, em função das cores amarelo e azul. Seu desenho foi escolhido através de concurso promovido pelo jornal *Correio da manhã*, em 1953.

⁷⁹ ANDREA, C. M. C. (org) **Identidade Xavante: Livro oficial do centenário do Grêmio Esportivo Brasil Brasil - 1911-2011**. Pelotas: Editora Textos, 2011. Texto “**Brasil, Brasil, Brasil! As tuas cores são o nosso sangue e a nossa raça**” Aldyr Garcia Schlee. P.70-1.

⁸⁰ RIGO 2004 Op.Cit, p.153.

⁸¹ Idem p.153-4.

função da antítese estabelecida com o E.C. Pelotas, clube que vinha se tornando ao longo das disputas esportivas seu maior rival na cidade e que, por seu turno, não acompanha o mesmo processo e se caracteriza por continuar importando jogadores e não aceitando atletas negros em seu elenco, pelo menos até meados da década de 40.

Desse modo, ganha força a expressão “negrinhos da estação versus fidalgos da avenida”, representada respectivamente por G.E. Brasil e E.C. Pelotas. Surgida nos meios futebolísticos e difundida por toda a cidade, a expressão é passada para as novas gerações e “além de lembrar as procedências socioespaciais específicas de cada clube – Brasil próximo à estação ferroviária e Pelotas junto a uma das avenidas centrais da cidade –, a frase incita a rivalidade e ressalta a posição de ambos, na época, quanto à questão racial”⁸².

Desse modo, dentro da memória dos adeptos do futebol, em função da democratização acentuada, sendo o primeiro a aceitar um jogador negro e a sequência com um processo progressivo no número de jogadores negros no time:

Criaram na memória futebolística da cidade a imagem de um clube que já nascera genuinamente popular e que, para muitos, sempre aceitou jogadores negros. Para quem jogou e torceu no futebol da cidade, na época do G.E. Brasil mestiço e popular, essa é a lembrança deixada pelo clube⁸³

Interessante observarmos como a relação das cores do clube com características assumidas se forma *a posteriori* no caso do Brasil, pois como o hino aponta e Schlee resume, as cores vermelho e preto simbolizam respectivamente o sangue e a raça – esta última fazendo referência a utilização de jogadores negros – mas, como a bibliografia aponta, nenhuma destas características estava presente na “própria constituição primordial” do clube, como referido pelo autor. As cores do clube inicialmente seriam o verde e o amarelo, em homenagem à data cívica que ocorria no dia de sua fundação – assim como o próprio nome do clube –, 7 de setembro de 1911, Dia da Independência; e como Rigo (2004) mostra, mesmo tendo um exemplo em 1917, a aceitação de jogadores negros como prática estabelecida deve ser localizada como prática do clube nos anos 20 e especialmente começo dos anos 30, relação exacerbada em função da comparação com o maior rival, S.C. Pelotas, que se manteve alheio à prática durante o período.

⁸² RIGO 2004 Op.Cit p, 155.

⁸³ Idem, p.154-5

Nesse sentido, o caso do Brasil guarda relação próxima com a memória construída em relação ao S.C Internacional, em Porto Alegre “o Internacional, desde sempre autoproclamado “clube do povo”, não era propriamente aberto a adesões indiscriminadas, embora seus critérios fossem menos rígidos que aqueles praticados na Baixada”⁸⁴, tendo em vista o fato de o Grêmio FBPA ter aceito oficialmente o primeiro jogador negro apenas em 1952⁸⁵. Essa relação exacerbou a questão da aceitação de jogadores negros, prática utilizada pelo Internacional desde a década de 30, recuando esta relação até os seus primórdios dentro da memória coletiva. Para caracterização ainda maior da mudança de paradigma e adequação a uma prática “colorada” que rendia resultados dentro de campo, o jogador contratado foi Tesourinha, que tinha sido o grande jogador do Internacional e algoz gremista na década anterior.

Acerca das cores do G.S. Brasil, as primordialmente escolhidas somente foram alteradas para o vermelho e preto em função de “um capricho de Manoel Ayres Júnior e da necessidade de respaldo financeiro”⁸⁶. No caso, os integrantes da primeira diretoria estavam buscando recursos para compra de uniformes e ao recorrer a Manoel Ayres Júnior receberam como condição a troca das cores, pois o comerciante português “mantinha, também, estreito vínculo com um clube social de Pelotas, o *Clube Carnavalesco Diamantinos* [...] Ora, o verde e amarelo eram as cores que simbolizavam outro clube social da cidade, o *Clube Carnavalesco Brillhante* dissidente e rival do *Diamantinos*”⁸⁷.

Essa versão, apesar de mostrar uma aparente contradição em relação a intencionalidade das cores, colocadas pelo hino do clube, ressalta um ponto importante da memória do clube que data de sua fundação: a origem humilde dos fundadores⁸⁸, pois necessitaram aceitar modificar algo importante para um clube, suas cores, para poder ter acesso aos uniformes.

⁸⁴ DAMO Op.Cit. p.95.

⁸⁵ Idem, p. 112.

⁸⁶ ANDREA 2011, Identidade Xavante, Op.Cit. p.17

⁸⁷ Idem. Essa cisão, em 1911, criou grande rivalidade entre as duas agremiações. O Jornal “O Rebate”, de fevereiro de 1915 cita, inclusive, desentendimentos entre adeptos. “*Facto desagradável Honten a noute, no Café Correia*”, dois grupos de exaltados, pertencentes a ambos os Clubs Carnavalescos locais, entrou a discutir sobre os préstitos, degenerando a questão em serio conflito. Várias mesas ficaram partidas, foi enorme a confusão”.

⁸⁸ A origem fabril e a dificuldade material do começo é um ponto pacífico não somente nos textos produzidos pelo clube, revista “Brasil Gigante” n.1, p.4 e Identidade Xavante p.16-7, mas também os textos acadêmicos, Rigo 2004, p, 153 e Jesus, 2001, p.178 assim como na publicação Rio Grande do Sul Sportivo de 1919, p.206.

Partindo deste ponto, temos um aspecto que necessita de pesquisas específicas para um melhor entendimento: qual a razão de um time de origem fabril, nascido da dissidência do Cruzeiro do Sul, outro clube da mesma fábrica, a Cervejaria Haertel, ter sido convidado para participar, pouco mais de um ano após sua fundação, da elitista Liga Pelotense de Futebol, tomando parte da disputa ao lado do seletivo grupo de quatro times com grande capital econômico, simbólico e social?⁸⁹

Devemos lembrar que times com as mesmas características identitárias atribuídas ao Brasil existiam às dezenas na cidade, a grande maioria com mais experiência e estrutura que o Brasil. Jesus (2001) considera a hipótese do clube “ser formado por técnicos especializados e gerentes da empresa, o que facilitaria a aceitação na liga, embora tal hipótese se esbarre no fato deste clube ser resultado de uma dissidência com o próprio time da fábrica”⁹⁰. Isso ajudaria a driblar o filtro social vigente na Liga, mas não explicaria as dificuldades financeiras iniciais. Outra hipótese explicativa que podemos acrescentar – que não elimina a anteriormente citada – teria base no rápido acréscimo de elementos da sociedade pelotense ao grupo de rapazes fundadores⁹¹, mantendo a origem no seio da fábrica Haertel, mas agregando com esses novos indivíduos a distinção social necessária para inclusão na liga:

Começando modestamente, escudados no valor próprio [...] Animados de muita força de vontade e cheio de entusiasmo pelo cultivo do “foot-ball association”, fundaram os denodados divergentes, a cuja frente se encontravam Salustiano L. Britto, Dario Feijó, Manoel Ayres Filho, Gervasio Rodrigues Alves, Antonio Nunes, Miguel Fontes, Raymundo Pinto do Rego, Nicolau Nunes e outros, a sua nova sociedade. Foi em torno deste grupo de pelotenses que se foram aos poucos congregando novos elementos, até constituir-se definitivamente a primeira diretoria, a cuja frente ficou Dario Feijó.⁹²

O próprio comerciante Manoel Ayres Júnior que, como já vimos, tem influência decisiva na escolha das cores e no investimento inicial em uniformes participa da primeira diretoria como capitão-geral⁹³, não sendo um elemento estranho, portanto, se incorporando ao clube de maneira permanente, assumindo a presidência no decisivo ano

⁸⁹ Revista “Brasil Gigante”, n.1, p.5 Os demais participantes da edição de 1913 foram: S.C. Pelotas, S.C. Rio Branco, S.C. União e G.E. Guarany.

⁹⁰ JESUS Op.Cit. p.178.

⁹¹ ANDREA 2011, Identidade Xavante, Op.Cit. p.16. Nomeia Salustiano Louzada de Britto e Bruno Corrêa da Silva como os fundadores do clube, ocasionada por divergências dentro do clube Cruzeiro do Sul, que os citados participavam anteriormente.

⁹² Rio Grande do Sul Sportivo. Op.Cit, p.206-7

⁹³ ANDREA 2011, Identidade Xavante, Op.Cit. p.16

de 1912⁹⁴, ano dos primeiros jogos e em que se definem os times que disputariam a liga no ano seguinte.

É possível imaginar que sob a presidência de um simpatizante e com “estreito vínculo” com o C.C. Diamantinos, tendo inclusive o Brasil instituído suas cores em homenagem ao clube carnavalesco e sabendo da distinção que a participação em um clube de futebol (pertencente à liga) tinha naquele momento, outros “distintos” elementos do clube carnavalesco e social tenham aderido, ou ao menos simpatizado com o novo clube, fazendo possível a inserção do clube na liga, mesmo com estrutura e futebol incipientes. Aceitação na liga que relativizaria a constituição identitária primordial do Brasil, provavelmente com a observação da constituição social dos jogadores, sendo considerados condizentes com a exigência da liga, como observa o Rio Grande do Sul Sportivo:

“Seus ‘teams’, constituídos de rapazes conhecidos, dispensam quaesquer referencias encomiásticas que pretendêsemos bordar. Aliás essa exigencia se tornava indispensavel, sem o qual, sem o que não poderiam elles concorrer aos campeonatos, seguros de que os seus elementos haveriam de corresponder à confiança depositada, tornando-se dignos de seus dignos adversarios⁹⁵

Simpatia e compreensão suficientes, por parte de seus coirmãos, para brindar o neófito com o “prêmio estímulo” dado ao Brasil em função da última colocação na liga em 1913, e que supõe-se, fossem para que se mantivesse na liga nos anos seguintes. Não parece simples acaso que em 7 de setembro de 1915, portanto apenas quatro anos após a fundação do clube, tomasse posse como presidente do G.S. Brasil o rico industrial e membro de uma das mais influentes famílias da cidade, Dr. Augusto Simões Lopes, cuja festa de posse se deu nas dependências do C.C. Diamantinos⁹⁶, nem mesmo que, entre outras presenças ilustres, apareça na diretoria do clube em 1918 o Coronel Leopoldo Haertel, proprietário da Cervejaria Haertel, fábrica onde se originou o clube. Demonstração inegável que a associação, surgida de forma humilde e sem a distinção dos demais, adquire prestígio muito rapidamente através de elementos exponenciais da sociedade pelotense que se agregam aos seus quadros diretivos.

Outro ponto que necessita de novas pesquisas diz respeito à gestão do Dr. Augusto Simões Lopes à frente do clube, entre 1916-1918, pois nela se constrói o luxuoso estádio no bairro de moradias populares, em região “segregada simbólica e

⁹⁴ ANDREA 2011, Identidade Xavante, Op.Cit. p. 218.

⁹⁵ Rio Grande do Sul Sportivo. Op.Cit, p.209.

⁹⁶ Idem, p.212.

socialmente, mas também fisicamente, isolado que está da cidade pelo contorno da ferrovia Pelotas-Bagé⁹⁷, local onde o clube já disputava seus jogos⁹⁸. O fato de ter construído ali seu *ground* definitivo pode fazer parte de uma estratégia comercial do empresário – que tinha interesses imobiliários nesse novo bairro, que assim como o estádio, receberia seu nome⁹⁹.

O certo é que o estabelecimento do clube neste bairro ajudou a sedimentar, mesmo que de maneira involuntária, seu vínculo popular, como mostra a relação sócio espacial “negrinhos da estação versus fidalgos da avenida”, estabelecida posteriormente.

Como síntese, devemos ressaltar que mesmo não constando em seus primórdios, a incorporação de jogadores negros pelo G.S. Brasil dentro da Liga principal ainda em 1917, passando a ser um emblema do time nos anos posteriores, demonstra que de fato se trata de um clube de vanguarda nesse sentido, mesmo considerando-a uma “democratização funcional”.

Pioneirismos à parte dentro da bibliografia, o Brasil teve de driblar as amarras ideológicas ainda fortes dentro do mundo futebolístico, mas também as da sociedade e do tempo em que estava imerso. Após a abolição da escravidão em Pelotas observamos sedimentada uma ideologia conservadora e elitista, fazendo com que a discriminação racial fosse muito forte.

Em algumas de suas praças, negros não podiam sentar, assim como não tinham ingresso em cafés, cinemas, teatros e outros estabelecimentos públicos. Em 1927, as principais associações negras vieram a público denunciar esta e outras formas de discriminação vigentes na cidade.¹⁰⁰

No carnaval, essa separação de classes e raças se via claramente na cidade do começo do século, não apenas em relação aos grupos carnavalescos que desfilavam em dias separados na praça Cel. Pedro Osório, “pois os clubes de classe média e alta, como o *Diamantinos* e o *Brilhante*, se apresentavam em um dia e os cordões em outro”¹⁰¹ assim como na localização “do [clube] Caixerai até a esquina do [banco] Itaú parava a

⁹⁷ JESUS Op.Cit. p.178.

⁹⁸ ANDREA 2011, *Identidade Xavante*, Op.Cit” p.24.

⁹⁹ Ainda hoje este bairro é chamado de Simões Lopes e continua sendo um local periférico e desvalorizado na cidade.

¹⁰⁰ LONER, Beatriz A.; GILL, Lorena Almeida. **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas**. Estudos Ibero-Americanos, v. 35. Porto Alegre, 2009. P. 145-162. p.147,

¹⁰¹ Idem, p.151

classe rica branca [...] e a classe mais pobre negra ficava da esquina do Itaú até a Prefeitura”¹⁰².

Dentro desta sociedade e do futebol local – que por sua vez reflete o pensamento da mesma – as ações do Brasil, mesmo que de maneira involuntária, o vincularia definitivamente com as classes populares, fidelizando uma grande torcida, contribuindo para a construção identitária do clube e da torcida.

Antes mesmo da composição do hino do clube, em 1956, onde os elementos social e racial estão evidenciados, podemos observar a relação socioeconômica, em 1946, estabelecendo a dicotomia com o rival, S.C. Pelotas, caracterizado como o time com maior apelo entre as classes mais altas. Após a conquista, por parte do Brasil, do campeonato daquele ano e o adiamento do tricampeonato da cidade que o rival tanto perseguia – o Brasil tinha e o Pelotas ainda não –, corre pela cidade panfleto com a seguinte provocação:

SALVE !!! CAMPEÕES DE 1946.

Pra mostrar.

Que sangue é sangue,

Vamos jogar com jeito

O “SUBORNO” fica fêio,

Prá milionários direito.

*Ai, Ai, meu “**TRI-CAMPEÃO**”*

Ficaste assim, na mão.

Apelar não adianta mais.

*Nem comprando a **FEDERAÇÃO**.*

SÃO BENEDITO é bom,

É nosso padroeiro.

Pois quem joga no BRASIL, tem sangue.

Pra que dinheiro.....

*Pelotas, 1 de Setembro de 1946.*¹⁰³

¹⁰² LONER 2009, Op.Cit p.151

¹⁰³ ANDREA, Identidade Xavante, Op.Cit. p.47. Paródia da Marcha “CECILIA” dedicada ao G.E. Brasil.

3.2. A memória “Xavante” - Estigmatização do termo.

A origem do apelido “Xavante” remonta a este mesmo jogo de 28 de Julho de 1946. Segundo o livro *Identidade Xavante*, o jogo disputado no Estádio da Avenida, casa do rival E.C. Pelotas, estava com o placar de 3 x 1 para os anfitriões, quando, aos 6 minutos do segundo tempo, o juiz expulsa Chico Fuleiro, um dos principais jogadores do G.E. Brasil, capitão e líder do time em campo. “Em decorrência dessa atitude, houve interrupção da partida por vários minutos, tempo suficiente para que o campo fosse invadido pela diretoria do G.E. Brasil [...] e pelo técnico do clube, major Francisco Duarte Júnior, conhecido como ‘Teté’”¹⁰⁴. Acalmada a situação, Juvenal (o mesmo que jogaria a copa de 1950) assume o posto de líder em campo e os rubro-negros, mesmo em desvantagem numérica, fariam 4 gols em 28 minutos e venceriam o jogo por 5 x 3, o que inviabilizaria o tricampeonato do E.C. Pelotas. Após o fim da partida torcedores do Brasil derrubariam o parapeito de proteção e invadiriam o gramado.

Ao ver tal atitude (lembramos que não somente os torcedores mas também os dirigentes já haviam invadido o campo de jogo anteriormente), o presidente do E.C. Pelotas exclamaria: “Eles foram uns bárbaros!”.

Por coincidência, na época, um cinema local exibia o filme intitulado ‘Invasão dos Xavantes’. Ora, estabelecendo uma comparação com os ‘selvagens’ protagonizados no filme, os torcedores áureo-cerúleos começaram a chamar os rubro-negros de ‘xavantes’.¹⁰⁵

Jahnecka (2010) aponta a mesma versão com pequenas mudanças:

A torcida ficou completamente maluca pelo fato de ter virado o jogo, não ter deixado nosso arqui-rival abdicar o título de tricampeão, quer dizer, derrubou, naquela época não tinha tela era talvez uma mureta. E um dirigente do Pelotas, em alusão eu acho aquelas reportagens que faziam na revista “O Cruzeiro” sobre os índios xavantes, disse que a torcida do Brasil eram uns bárbaros, mas em tom pejorativo, eles eram xavantes.¹⁰⁶

Seja qual for a referência inicial para o termo “Xavante” – o filme ‘Invasão dos Xavantes’ ou as reportagens da revista *Cruzeiro* –, o importante é observarmos que esta memória se forma a partir de algo imposto pela torcida do maior rival (e também pelo presidente do E.C. Pelotas), com um cunho altamente pejorativo que foi apropriado pela torcida do Brasil:

¹⁰⁴ ANDREA, *Identidade Xavante*, Op.Cit, p. 53

¹⁰⁵ Idem. p.53.

¹⁰⁶ Entrevista de Cláudio Andrea, extraído de JAHNECKA Op. Cit, p. 26.

Tratando-se de rivalidade, os novos “xavantes” nem se importaram com isso. Ao contrário, acataram o apelido por que o povo Xavante é guerreiro e jamais esmorece em combate. E foram além: para consolidar este ‘reconhecimento’, passaram a adotar a simpática e querida imagem de um índio Xavante como símbolo do Grêmio Esportivo Brasil.¹⁰⁷

Segundo Bourdieu, muitas vezes a estigmatização de comportamentos e práticas sociais pode vir a colaborar com a constituição identitária do grupo estigmatizado. “O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituindo assim um emblema”¹⁰⁸. No caso da torcida do Brasil:

O uso dessa memória serviu para serem assumidos elementos como a fidelidade e a bravura dos torcedores, por exemplo, adotando outras características que seriam moralmente boas para o clube em detrimento de outras carregadas de valores morais negativos na sociedade moderna, como a violência. Todavia, mesmo a questão do elemento “violência” que comporia essa identidade foi mantido por acessar indícios de quem seriam os torcedores do clube e quais eram suas prerrogativas para agir de certa forma¹⁰⁹

O termo seria, portanto, homogeneizante, ou seja, não apenas aqueles que invadiram o gramado em 1946, mas todos os torcedores do Brasil seriam “xavantes”. Com o tempo, pela apropriação do termo por parte dos torcedores estigmatizados, trazendo características que lhes pareciam boas, tudo que se relacionasse com a torcida e com o clube G.E. Brasil levaria a alcunha de “xavante” dali por diante.

3.3. Identidade Xavante: Abordagem teórica.

A partir da memória de clube popular, bem como a memória “xavante”, entendido como o marco inicial do termo, podemos esboçar, a partir do instrumental proposto por Bilhão (2005): reconhecimento; distinção e memória coletiva a construção da identidade xavante. Começando pela última, sendo esta memória exposta até aqui no capítulo, a constituição essencial dessa identidade. Segundo Michael Pollak:

A valorização dos acontecimentos dos quais as pessoas nem sempre participaram faz com que esses ganhem força no imaginário de um grupo e se transformem em eventos comuns, socializados política ou historicamente, gerando a identificação dos indivíduos com um determinado passado, com uma memória herdada que serve, inclusive, para marcar distinções históricas com outros grupos, reforçando e justificando as relações de identificação e de oposição vivenciados no presente.¹¹⁰

¹⁰⁷ ANDREA, Identidade Xavante, Op.Cit. p.53.

¹⁰⁸ BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa. Difel, 1989, p. 129.

¹⁰⁹ JAHNECKA, Op.Cit. p. 27.

¹¹⁰ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212, p.204.

Dessa maneira, a memória de clube popular – democrático e plural, social e etnicamente – mesmo que tal ideia não estivesse presente nos primeiros anos do clube - acaba se solidificando nas décadas seguintes pela busca da construção de uma memória livre de contradições, sendo que a “cada vez que a memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização”¹¹¹. Do mesmo modo ocorre acerca da memória preservada em relação ao acontecimento de 1946, quando acontece uma “homogeneização” da torcida do Brasil, onde todos, e não apenas aqueles que invadiram o campo se tornaram “xavantes” pela apropriação e reconhecimento do termo.

Segundo Bourdieu, a identidade é um ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros, entretanto:

O efeito de reconhecimento que o fato da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum¹¹²

O reconhecimento, portanto, depende de condições objetivas, de ações práticas dessas características unificadoras. No caso da torcida do Brasil, está posto na interação da mesma no estádio e nas ruas. Reconhecimento que, para a torcida xavante, assim como muitas torcidas de futebol, se dá em função da distinção em relação à torcida rival, no caso do Brasil, em relação à torcida do Pelotas.

Como vimos anteriormente, a rivalidade já tinha uma antítese social bastante forte, posta pela relação “negrinhos da estação x fidalgos da avenida”. Após o episódio de 1946 teríamos a imputação de um termo pejorativo por parte dos torcedores do Pelotas, o que, de pronto é plenamente assumido pela torcida do Brasil, mediante a estigmatização. Assim, a partir daquele momento seriam a “torcida xavante”, pois eles se reconheciam assim, essa memória atuaria, portanto, como elemento unificador do grupo, como aponta Janecka (2010).

Esse sentimento de identidade, ou pertencimento a algo gera união, aproxima aqueles que coadunam da mesma ideologia ou preferência, segundo Michael Pollak,:

¹¹¹ POLLAK Op. Cit, p.206.

¹¹² BOURDIEU 1989, Op.Cit, p. 117.

É o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros¹¹³

Segundo as proposições de José Manuel Oliveira Mendes, expostas por Bilhão (2005):

A identidade é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais. As identidades serão, assim, construções relativamente estáveis num processo contínuo de atividade social [...] o indivíduo forma sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização.¹¹⁴

A construção da identidade é um fenômeno que se estabelece em referência aos outros. Segundo Pollak, podemos dizer que é coletiva. Assim, a partir do momento que um indivíduo opta por um clube de futebol, dentre tantos outros, ele está participando ativamente da vida social, como reflete Arlei Damo:

Esta participação começa pela escolha, desde muito cedo, por uma entre as inúmeras agremiações clubísticas. Tal escolha, "personalizada e pessoalíssima", permite, como afirma DaMatta, "redefinir a identidade social num nível mais amplo"¹¹⁵

Vemos, portanto, que a formação da "identidade xavante", teve na memória da torcida, especialmente a partir da reivindicação e ressignificação do termo "xavante", novos elementos que seriam agregados ao já estabelecido de torcida popular, que se manteria.

Os novos elementos identitários, teoricamente "absorvidos do povo xavante" estavam ligados a sua valentia, fidelidade e bravura. No entanto, o elemento 'violência', imputado pelo adversário, seria relativizado, mas também evocado em momentos específicos, dentro da prática torcedora, formando assim os dois elementos essenciais da identidade xavante, segundo Janecka (2010): *fidelidade e violência*:

Ao revelar e confrontar essas duas principais características que passaram a fazer parte da identificação dos torcedores do Brasil – violência e fidelidade – pode notar-se como a memória é fabricada por quem a utiliza para se referir a algo ou alguém. Se por um lado a *violência*, em função de seu valor moral ruim para aqueles que são denotados, tenta, talvez, não ser lembrada a priori, por outro a *fidelidade*, um valor bom para aquele que é fiel a algo, é constantemente evocada, enaltecida, entoada.¹¹⁶

¹¹³ POLLAK, Op.Cit, p.204..

¹¹⁴ BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)**. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2005 (tese de doutorado). p.32.

¹¹⁵ DAMO. Op. Cit, p.11.

¹¹⁶ JAHNECKA, Op.Cit. p. 29

Vemos que os dois elementos, em função de valores morais da sociedade, possuem tratamento diferenciado dentro da memória. Enquanto a fidelidade, por seu valor moral bom, é enaltecida e conta com aval institucional já que está pintada de maneira a que todos possam ver no estádio Bento Freitas, a frase “A maior e mais fiel torcida do interior”. Vemos, portanto um uso político da memória.

Vem lembrar daquilo que foi se construindo ao longo dos anos e que não deve se perder. Está ali para lembrar os torcedores de que eles são *fiéis*; de que se não são, deveriam ser; lembrar também aos outros, quem foram e são os torcedores do clube; em suma, **a fidelidade é uma característica que deve permanecer associada aos torcedores do Brasil.**¹¹⁷

Já a violência, por seu valor moral ruim:

Com menos frequência, conota a constituição de uma outra moral por também estar presente nos cânticos e inscrições da torcida. Para parte dos torcedores a tradição de “violência” é utilizada como um valor bom, em se tratando de uma disputa simbólica com outras torcidas. Mais que positivar o significado do xavante, os torcedores se servem dele para positivar a própria violência.¹¹⁸

3.4. A massificação e ‘fidelização’ da torcida pelotense.

Um dos aspectos que caracterizam as torcidas de Pelotas é a capacidade de fidelização. Os times locais continuam arrebanhando torcedores mesmo vivendo desde a década de 40 sob a dicotomia entre Grêmio e Internacional e a rápida metropolização do Gre-Nal, que significou, em longo prazo, a divisão do estado do Rio Grande do Sul entre torcedores de um ou de outro clube da capital. Tentarei lançar luz sobre pontos já trabalhados neste texto que aliados a alguns dados podem dar uma imagem mais próxima da realidade pelotense no que tange ao pertencimento clubístico.

Pesquisa de opinião realizada no ano de 2008 que buscava a preferência clubística do pelotense mostra que há três tipos de torcedores na cidade: o primeiro torce apenas para os clubes da cidade, 28,1 %; já 26,4 % torcem somente para times de fora (dupla Gre-Nal); e 45,5 % são híbridos, ou seja, torcem para um time de Pelotas ao mesmo tempo em que torcem para um time de Porto Alegre. Assim, podendo citar mais de um time, o Grêmio tem a maior torcida na cidade e o Brasil a segunda. No entanto, quando estes torcedores híbridos são obrigados a declarar apenas um clube, aqui tratado como “clube do coração”, a torcida do Brasil supera as demais:

¹¹⁷ JAHNECKA, Op.Cit. p. 29, grifo meu.

¹¹⁸ Idem.

Tabela 1 – Clubes “do coração” - Pelotas.¹¹⁹

E dentre esses times que o (a) Sr.(a) torce em Pelotas e Porto Alegre (ou de outra) qual é o time de sua preferência, qual o time do coração?	Geral Pelotas	Areal	Fragata	Três Vendas	Centro	Colônia
Brasil	25,1	25,7	25,0	23,1	32,3	15,8
Grêmio	22,4	20,0	23,0	24,2	17,6	31,6
Internacional	19,7	19,0	15,0	27,4	13,2	26,3
Pelotas	10,2	16,2	9,0	7,7	11,8	--
Farroupilha	2,7	1,9	6,0	2,2	1,5	--
São Paulo	0,2	--	1,0	--	--	--
Não torce por nenhum	17,2	14,3	18,0	14,3	22,1	21,0
Não tem um time do coração	2,5	2,9	3,0	1,1	1,5	5,3
Total percentual	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de opinião realizada pelo IPO em Pelotas entre os dias 03 e 05 de março de 2008.

Apesar de não podermos tomar estes números como precisos, não somente pela margem de erro de 5%, mas especialmente pela conhecida dificuldade de medição de torcidas de futebol, temos certamente uma tendência, ainda mais se compararmos com outra pesquisa feita pelo mesmo instituto e com a mesma metodologia, em outra cidade do Rio grande do Sul, Caxias do Sul:

Tabela 2 – Clubes “do coração” - Caxias do Sul.¹²⁰

(Espontânea) Para qual time de futebol o (a) Sr. (a) torce/ por qual tem mais preferência (o do coração)?	Geral da cidade	Área 1 Central	Áreas 2 e 3 Sta. Lúcia e outros	Área 4 Cruzeiro do Sul	Áreas 5, 6 e 8 Esplanada e outros	Áreas 7, 9 e 10 Forqueta e outros
Grêmio Futebol Porto Alegrense	38,3	42,6	35,5	38,7	36,1	27,0
Sport Club Internacional	33,9	27,2	34,2	35,5	42,7	46,0
S.E.R. Caxias	7,9	11,8	5,3	3,2	3,3	10,8
Esporte Clube Juventude	7,7	7,7	13,2	8,1	1,6	5,4
Sport Club Corinthians	0,8	0,6	--	1,6	1,6	--
Clube de Regatas Flamengo	0,2	0,6	--	--	--	--
Cruzeiro Esporte Clube	0,2	--	--	--	1,6	--
São Paulo Futebol Clube	0,2	--	1,3	--	--	--
Grêmio Esportivo Brasil	0,2	0,6	--	--	--	--
Sociedade Esportiva Palmeiras	0,2	0,6	--	--	--	--
Não torce/ sem preferência	10,4	8,3	10,5	12,9	13,1	10,8
Total percentual	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa realizada pelo IPO em Caxias do Sul no dia 03 de dezembro de 2011.

Enquanto em Pelotas 38% declararam torcer para clubes locais – sendo que um deles é o time mais citado –, em Caxias do Sul esse número é de apenas 15,6%, tendo a

¹¹⁹ Fonte, IPO (Instituto de Pesquisa de Opinião). Foram entrevistadas 402 pessoas nas zonas urbana e rural, com representatividade conforme gênero, idade, escolaridade e local de moradia. Publicado em <<http://zerohora.clicrbs.com.br>> notícia “Grêmio tem a maior torcida em Pelotas, e Brasil-Pe a mais fiel”, 11/03/2008. Conteúdo completo da pesquisa no banco de dados do Instituto, disponível em <<http://www.ipo.inf.br/>> acessado em 20/11/2013.

¹²⁰ Fonte, IPO (Instituto de Pesquisa de Opinião). Foram entrevistadas 405 pessoas nas zonas urbana e rural, com representatividade conforme gênero, idade, escolaridade e local de moradia. Publicado em <<http://globoesporte.globo.com>> blog “Teoria dos Jogos” 17/12/2011. Conteúdo completo da pesquisa no banco de dados do Instituto, disponível em <<http://www.ipo.inf.br/>> acessado em 20/11/2013.

dupla Gre-Nal predomínio absoluto, com 72,2% somados, enquanto em Pelotas esse percentual alcança apenas 42,1%¹²¹.

Essa relação entre times de Porto Alegre e Pelotas, exemplificado por Grêmio e Brasil é explicado pela socióloga Elis Radmann, responsável pela pesquisa:

O resultado geral é mais racional, e geralmente está ligado a questões como modismo, tendência do momento, influência da mídia e imagem pessoal. Esse resultado pode mudar a qualquer momento, ou seja, basta o Grêmio acumular algum insucesso que o número pode cair, ou então aumentar em caso de exposição maior [...] A torcida do Brasil tem dados mais fiéis, maior sustentabilidade. É uma torcida mais fiel em Pelotas. Não vai perder espaço, como pode acontecer com a do Grêmio.¹²²

Podemos estabelecer três razões gerais para esta fidelidade da torcida pelotense em contraste com a de Caxias do Sul:

A primeira é o forte enraizamento do pertencimento aos clubes locais, relação que tem início nas duas primeiras décadas do século passado, momento de desenvolvimento da cidade e de superioridade, por vezes, em relação aos demais centros futebolísticos gaúchos, como Rio Grande e Porto Alegre. Para os pelotenses torcer para outros clubes não era uma opção. Pelo contrário, já que estavam inseridos dentro de uma rivalidade estadual, o que fica demonstrado nas recepções festivas aos times locais que voltavam vitoriosos de jogos na capital, algo que transcendia o campo esportivo e adentrava o campo político e econômico tendo em vista a necessidade da velha capital do charque em demonstrar sua força que aos poucos definhava. Muito do orgulho pelotense, herdado do período de opulência econômica, se mostra na associação e sustentação aos seus clubes locais.

A segunda razão é que mesmo com a queda de importância econômica e política de Pelotas, a partir dos anos 20, a cidade se mantém como cidade polo na região, agregadora de moradores vindos de cidades menores, em busca de trabalho nas fábricas – processo que se intensifica nas grandes cidades do país inteiro – bem como sazonalmente em busca de serviços. Basta dizer que em 1980, os migrantes

¹²¹ Importante ressaltar que, de acordo com a tabela 1, 17,2% não torcem para nenhum clube e outros 2,5% não tem clube do coração. Desta maneira, entre aqueles que declararam um clube temos um empate técnico no número de torcedores da dupla Gre-Nal e dos times de Pelotas.

¹²² Publicado em <<http://zerohora.clicrbs.com.br>> notícia “**Grêmio tem a maior torcida em Pelotas, e Brasil-Pe a mais fiel**”, 11/03/2008. Acessado em 20/11/2013.

representavam 28% do total da população de Pelotas, a maioria vindo da zona rural¹²³. A população que, em 1940, era de 104 mil habitantes sobe para 284 mil em 1990¹²⁴.

Esse decréscimo econômico se dá de forma gradativa, relativizando, por algum tempo, a real diferença técnica entre os times. Além disso, seus clubes continuam competindo “em pé de igualdade” com os de Porto Alegre até a década de 40, o que contribui para a incorporação e fidelização destes “novos pelotenses” dentro da identificação com os times locais em função da ética torcedora:

Um dos aspectos mais importantes desta escolha, que mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família, é que, uma vez realizada, não pode ser alterada [...] Sendo assim, o "clube do coração" deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção.¹²⁵

A terceira e provavelmente mais importante razão é a dicotomia estabelecida a partir dos anos 40 entre Brasil e Pelotas o que ajuda a acirrar a rivalidade entre os dois times, concentrando os torcedores da cidade. Mesmo as conquistas estaduais não acontecendo mais, especialmente em função da superioridade técnica da dupla Gre-Nal, boas campanhas no campeonato estadual¹²⁶ e especialmente a disputa do campeonato citadino preenchiam esta necessidade competitiva em função da bipolaridade da disputa municipal. Demonstrações da importância dadas a estas disputas municipais podem ser melhor entendidas ao observarmos a mobilização popular nos desfiles e festas nas ruas da cidade após conquistas do Citadino.

Entre 1940 e 1965, quando a Liga funcionou de maneira ininterrupta, portanto em 26 edições, apenas em quatro oportunidades a bipolaridade foi quebrada, em 1940 e 1947 pelo C.A. Bancário e em 1943 e 1959 pelo G.A. Farroupilha. Este último seria a terceira força da cidade, tanto que aparece com porcentagem na pesquisa de torcidas.

A pesquisa de 2008 certamente já se encontra muito alterada em relação à realidade das décadas anteriores, pois a dupla Gre-Nal alcança a partir dos anos 1970, com o Internacional e 1980, com o Grêmio, títulos nacionais e internacionais, que, aliados ao televisionamento das partidas em todo o estado, ajuda a diminuir a primazia

¹²³ ROSA, Mário. **Geografia de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 1985.

¹²⁴ Fonte IBGE.

¹²⁵ DAMO. Op.Cit, p.11.

¹²⁶ O Pelotas foi vice-campeão em 1945, 1951, 1956 e 1960, o Brasil em 1953, 1954 e 1955 e o Farroupilha em 1959.

da dupla Bra-Pel entre os torcedores pelotenses. Em função, porém, da forma de transmissão do sentimento de pertencimento, que não obedece necessariamente à lógica imediatista dos resultados, muitas vezes sendo hereditário. Essa mudança se dá de forma gradativa – especialmente pelo profundo enraizamento e rivalidade no futebol da cidade – como vemos na forma híbrida de torcer, ou seja, torcedores que nos campeonatos nacionais e internacionais escolhem um time de Porto Alegre para acompanhar, mas como “time do coração” elegem um clube local.¹²⁷

A massificação da torcida pelotense seria associada ao Brasil e ajudaria na formação da imagem da torcida xavante em âmbito estadual e nacional, especialmente sua grande capacidade de mobilização popular no final da década de 70. Nesse período a torcida rubro-negra se notabiliza por demonstrações extremadas de pertencimento clubístico, tanto em Pelotas quanto em excursões para assistir jogos do time em outras cidades, sendo as que ficariam marcadas na memória, a excursão a Estrela em 1977 e a decisão da taça Sinval Guazelli¹²⁸, no mesmo ano.

Esses dois episódios ressaltariam os aspectos positivos da identidade da torcida xavante, ou seja, a paixão e a fidelidade ao time, mas também os aspectos negativos ligados a violência que viriam à tona na imprensa.

Na excursão a Estrela, para enfrentar o Estrela F.C, o time precisava da vitória para ainda ter chance de chegar à final do Estadual. A organização da excursão ficou a cargo da direção do clube que esperava lotar 10 ônibus. No entanto, após esgotar a frota possível de ônibus de Pelotas e região, 84 ônibus se juntariam a carros particulares, somando 5 mil pessoas que lotaram o estádio do adversário. A exaltação dessa mobilização teria a ressalva em relação ao alegado vandalismo praticado pelos xavantes ao estádio, denunciado pelo presidente do clube anfitrião.

No segundo exemplo, ambos os aspectos seriam acentuados. Na decisão da Taça Governador do Estado Sinval Guazelli, entre G.E. Brasil e C.E. Bento Gonçalves, inicialmente marcada para o estádio Cristo Rei, em São Leopoldo. A partida foi transferida para o estádio Santa Rosa, em Novo Hamburgo, em função das más

¹²⁷ A escolha de um time da capital em campeonatos nacionais e internacionais se deve especialmente pela dificuldade atual de um time ascender à primeira divisão nacional, pois tanto para Brasil quanto para Pelotas, os times teriam que se classificar via estadual para a série D, após subir para a C, depois para a B e depois para a A, ou seja 4 anos ascendendo de maneira ininterrupta.

¹²⁸ Informações sobre estes eventos, ver ANDREA, *Identidade Xavante*, Op.Cit. p.110-113.

condições do primeiro estádio. A troca foi feita no dia do jogo e, em função disso, a Brigada Militar negou segurança para a partida que acabou não se realizando. O grande problema foi que cerca de 4 mil torcedores do Brasil se deslocaram 800 Km e não puderam assistir ao jogo, o que causou a revolta e depredações por parte da torcida do Brasil no estádio Cristo Rei, pertencente ao Aimoré.

Mais uma vez as duas características da torcida do Brasil, fidelidade e violência seriam trazidas à tona pela imprensa, no entanto, Paulo Sant'ana e Ruy Carlos Ostermann tomariam a defesa dos torcedores xavantes no jornal Zero Hora:

O que queriam que eles fizessem? O calor era insuportável. Chutar as taças e jogar longe as medalhas foi pouco. Eu nunca tinha visto uma desorganização igual. Que o presidente da Federação puna a quem realmente deva ser punido. Que não se jogue sobre a torcida do Brasil, a mais entusiástica massa futebolística do estado nenhuma culpa. O seu único crime é gostar do Brasil e do futebol. O resto é conversa fiada. (Paulo Sant'ana)

A torcida do G.E. Brasil não é pior do que nenhuma outra que conheço. Falo de torcida popular, feita de povo, de gente humilde que ganha pouco e procura se divertir como pode. Com o futebol quase sempre. Pessoas simples reagem com simplicidade diante da vida [...] Condenar a torcida do Brasil pelos acontecimentos é concluir que a torcida do Brasil não presta. Ela é uma das melhores torcidas que conheço. Devo dizer, mesmo, que a torcida do Brasil é a primeira que torce apenas para o Brasil, não sendo como outras que torcem um pouquinho para dois lados. (Ruy Carlos Ostermann)¹²⁹

As referências colocadas pela imprensa em 1985, como veremos a seguir, decorrem desta imagem construída ao longo das décadas e de eventos que a exemplificam. Como posto por Ostermann: uma torcida popular “feita de povo, de gente humilde”; fiel, no sentido de acompanhar o time jogando tanto em Pelotas quanto fora, sendo “a mais entusiástica massa futebolística do estado”, como disse Paulo Sant'ana.

Aos pontos positivos, dentro do simbolismo futebolístico, seria agregado o negativo, da violência, que mesmo relativizada pelos comentaristas, está posta dentro da sua identidade e por vezes utilizada como artifício pela própria torcida xavante. Um mecanismo intimidatório observado, por exemplo, através da faixa “bem vindos ao inferno” com a qual os adversários se deparam ao adentrar o gramado do estádio Bento Freitas atualmente¹³⁰.

¹²⁹ Zero Hora, 21/12/1977, extraído de ANDREA, *Identidade Xavante*, Op.Cit. p.113.

¹³⁰ JAHNECKA, 2010, Op. Cit, p.31.

CAPÍTULO 4. ESTUDO DE CASO - G. E. BRASIL x C. R. FLAMENGO, TAÇA DE OURO DE 1985.

O Campeonato Brasileiro de 1985, ou Taça de Ouro, como foi chamado naquele ano, começa sob críticas em relação a sua fórmula, definida às vésperas do início da competição. Diferente do que acontece desde 2003, quando o Campeonato Brasileiro passou a ser disputado por pontos corridos, ou seja, jogos em turno e retorno, todos jogando contra todos, os campeonatos dos anos anteriores tiveram diferentes formatos; quadrangulares, triangulares, diferentes fases classificatórias, e por vezes todas as opções dentro do mesmo campeonato.

Sem entrar no mérito da questão sobre qual é o melhor já que apesar de todo formulismo, estes campeonatos trazem boas lembranças para aqueles que gostam de ver jogos “mata-mata”¹³¹, a edição de 1985 foi especialmente confusa. Começando pela maneira como os 44 clubes foram divididos na primeira fase. Baseado no ranking das 14 edições anteriores, os 20 primeiros nos grupos A e B, e os outros 24 nos grupos C e D. Para a segunda fase se classificariam 16 times, 8 do lado dos “grandes” e 8 do lado dos “pequenos”. Na segunda fase se dividiriam novamente em 4 grupos, agora de 4 clubes, o vencedor de cada grupo se classificaria para a fase semifinal. Posteriormente os dois vencedores fariam a grande decisão.

Para a revista Placar, esta fórmula seria “resquício do apadrinhamento político que dominou o campeonato brasileiro nos tempos dos chamados “milagres” e continua sendo exercitado pelos cartolas atuais da CBF”¹³², referindo-se aos campeonatos com número absurdo de clubes, muitas vezes para agradar estados onde o regime não gozava de boa popularidade, muito comum, especialmente nos anos 70, quando a expressão “onde a ARENA vai mal, um time no nacional” se populariza. O colunista Juca Kfourri, após a primeira rodada, diria que a lição para 1986 é “a taça de ouro para os grandes”¹³³, sendo que a revista noticia somente os jogos dos grupos A e B (grupos dos grandes) durante a primeira fase.

Na medida em que os clubes grandes iam sendo eliminados, dirigentes e jornalistas engrossavam o coro das reclamações em relação à fórmula, como João

¹³¹ Jogos de ida e volta, caracterizando o jogo decisivo. A final do campeonato, por exemplo.

¹³² Revista Placar, n.º 765, 25/01/85, p.4.

¹³³ Revista Placar Nº 767, 01/02/85, p.3.

Saldanha, “não é taça, nem campeonato, mas um torneio início que dura o ano todo”¹³⁴. A própria CBF admite mudar a fórmula. “A CBF tem de selecionar os melhores e deixá-los jogando em turno e returno”, disse Dilson Guedes, diretor da confederação. O Flamengo, já eliminado pelo Brasil, declara através do presidente George Helal que “os grandes clubes devem ter primazia. Os menores devem ter chance, mas precisam fazer por merecer”. Já Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo F.C., culpa os jogadores “estrelas bem pagas”, dizendo que só craques não ganham mais jogos e que “com isso os times de menor expressão com salários baixos mas muita vergonha na cara e garra estão levando a melhor”.

Em um momento de mudanças importantes no país, com as “Diretas Já”, de 1984, e a democracia que finalmente se vislumbrava após longo período ditatorial, a “vitória dos humildes” neste campeonato, a despeito da opinião dos cronistas do centro do país é vista em Pelotas de maneira positiva por Umberto de Campos em sua coluna no Diário Popular:

O que vale agora é o Brasil de Pelotas e o país que no momento em que se curvar a uma possível vitória do time de Louruz talvez esteja mostrando a sua verdadeira ‘Nova República’. Um futebol novo e sem politicagem há tanto solicitado por todos [...] **Os grandes curvados aos humildes de Louruz.**¹³⁵

Formulismos à parte, o Brasil formaria junto aos “pequenos” no grupo D, em função de suas participações nos campeonatos de 1978, 1979 e 1984, neste último conquistando alguns resultados interessantes, como as vitórias contra o S.C. Internacional e C.R. Flamengo, sempre jogando em Pelotas, no estádio Bento Freitas. Estas vitórias ajudariam a formar a imagem de time forte jogando em seus domínios e mostraria a torcida “Xavante” em seu território para todo o país, fonte desta força local do time somado ao campo de pequena dimensão e do estádio acanhado, onde a “pressão” da torcida fazia se sentir com intensidade.

A base do time de 1984, comandado pelo técnico Luis Felipe Scolari¹³⁶ se mantinha. Na verdade, desde o vice-campeonato gaúcho de 1983 o time vinha se aperfeiçoando. Com observações nesse sentido, o Diário Popular de 23/07/85 tenta

¹³⁴ Folha de São Paulo, 24/07/1985, Todas as citações do parágrafo foram retiradas da reportagem “Os clubes culpam CBF e jogadores pelo fracasso”.

¹³⁵ Diário Popular 21/07/1985, p. 19. Grifo meu.

¹³⁶ O técnico Luis Felipe Scolari, ou apenas chamado de “Felipão”, seria um dos técnicos mais vencedores do futebol brasileiro na década de 90. Treinando Grêmio e Palmeiras conquista, entre outros títulos, 2 Taças Libertadores da América, 4 Copas do Brasil e 1 Campeonato Brasileiro. Mas ficaria conhecido internacionalmente quando comanda a Seleção Brasileira no título mundial na Copa de 2002.

relativizar a imagem de “zebra”, que se confunde com sorte em função da fórmula, veiculados pela imprensa do centro do país. Ou seja, os bons resultados seriam frutos colhidos dos anos anteriores e não uma mera casualidade.

Apesar da aclamada sequência de boas administrações o time começa mal a primeira fase em 1985, o que renderia a demissão do técnico Cassiá Carpes. O time somente reagiria e se classificaria entre os 8 melhores “pequenos” com a boa campanha que Valmir Louruz¹³⁷, novo treinador, consegue, impondo seu discurso e estilo de jogo.

4.1. Identidade regional e a Taça de Ouro de 1985.

Valmir Louruz define o estilo do time como **“autenticamente gaúcho”**. O técnico explica. **“Nosso gramado é pesado até no verão. Sob o frio e a chuva, tendo que superar buracos na lama. Somos forjados para a luta, é isso que o Flamengo enfrentará.”**¹³⁸

A declaração do técnico Valmir Louruz ao jornal carioca O Globo no dia do jogo decisivo contra o Flamengo, possui clara intencionalidade intimidatória em relação ao adversário carioca, e para isso o treinador recorre ao “estilo gaúcho” de jogar futebol.

A reportagem do jornal ouve jogadores que corroboram a opinião do comandante. “Vigor e força são as virtudes do Brasil”, segundo Nei Dias. Já Doraci, que teria a hercúlea tarefa de marcar Zico naquela noite, explica suas estratégias: “não terei dúvidas em dar algumas engrossadas se elas forem necessárias”. A partir dessas declarações o jornal define o estilo do Brasil de Pelotas como “vigoroso e competitivo sempre e violento quando as circunstâncias obrigam”. Toda esta definição do “estilo gaúcho”, praticado pelo Brasil, está dentro de uma reportagem intitulada “Brasil ameaça usar a violência”.

Para entendermos tanto o significado do referido estilo gaúcho, quanto a visão beirando a caricaturização do jornal carioca, devemos brevemente tecer algumas

¹³⁷ Como jogador Valmir era um zagueiro de imposição física. Começa a carreira em 1967, no Pelotas, grande rival do Brasil, na época treinado por Oswaldo Rolla (o Foguinho). Teria seu melhor momento jogando pelo Internacional, em Porto Alegre, onde conquista o tricampeonato Gaúcho em 69, 70 e 71. Começa a carreira de treinador no Juventude, em 1980. Tem passagem por muitos clubes do Brasil e exterior, a maioria de pequeno e médio porte. Seu melhor momento se dá no final da década de 90 quando vence a Copa do Brasil, pelo Juventude. No ano seguinte treinaria o Internacional. Valmir vence também o Campeonato Japonês, em 1998, pelo Júbilo Iwata.

¹³⁸ O Globo 18/07/1985, p.29.

observações acerca desta diferenciação do “estilo gaúcho” em relação ao “estilo brasileiro” de jogar futebol. Sendo os dois estilos entendidos como construções historicamente produzidas.

Como nós já vimos no capítulo 1, a difusão do futebol no Brasil se dá de maneira descentralizada, o que demonstra uma característica histórica da República Velha e geográfica do país, que por sua extensão continental possuía várias regiões economicamente fortes e portos importantes espalhados por elas. Assim, o futebol no começo de século espelhava esta realidade, ou seja, assim como não havia uma forte centralização política, também o futebol se desenvolvia com diferentes características em pontos tão distantes como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Bahia, por exemplo.

A grande extensão territorial aliada à precariedade dos transportes também dificultou a interação entre times destas regiões. Com exceção de jogos amistosos ocasionais, os times jogavam basicamente campeonatos citadinos e estaduais até a concepção de torneios nacionais em 1959, com a Taça Brasil. Mesmo assim com número reduzido de jogos, tendo a concepção de um campeonato brasileiro, tratado como tal, efetivamente, apenas a partir de 1971.

A idealização do “estilo brasileiro” se confundiria com a busca da identidade nacional. Assunto sobre o qual diversos intelectuais se debruçam no nas primeiras décadas do século, mas também de uma política nacional – contrastando com a descentralizada da República Velha – que Getúlio Vargas empreenderá na década de 30, especialmente após 1937, durante o Estado Novo, onde o futebol teria um papel importante. “Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante. Enquanto as bandeiras eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais eram queimadas, e no lugar delas içada a bandeira nacional”¹³⁹.

Neste momento as ideias de Gilberto Freyre teriam forte influência, construindo as características do “estilo brasileiro” em contraposição ao futebol europeu. Este último, um jogo mais *apolíneo*, tendo como algumas características como racionalidade, eficiência, força e jogo coletivo, enquanto o jogo do brasileiro, mais *dionisíaco*, ou seja, mais intuitivo, negaceado, habilidoso e individualista¹⁴⁰.

¹³⁹ FRANCO Jr. Op.Cit, p. 80

¹⁴⁰ Relação de características baseada na tabela comparativa em DAMO, Op.Cit, p. 188. Quanto à relação dicotômica Apolíneo-dionisíaco, estabelecida desde a antiguidade clássica grega ganha novos ares em

Essa relação dual entre o “eles” europeu e o “nós” brasileiro na maneira de jogar, proposto por Freyre, se propõe a ser homogeneizante, porém, ao compor o “mosaico de brasilidade” baseada na molecagem baiana, a capoeiragem pernambucana e a malandragem carioca, “esquece” alguns regionalismos, entre eles o gaúcho¹⁴¹.

A partir da obra de Mário Filho (2003), estudado no item 2.1, da qual o texto de Gilberto Freyre serviria, além de prefácio, de inspiração quanto à exaltação da miscigenação como símbolo da brasilidade, utilizando o futebol carioca e especialmente o Vasco da Gama como marco referencial para esta construção:

Os principais times cariocas desempenhariam papel determinante na constituição de uma retórica de brasilidade positiva, de um país que supostamente se distinguia dos demais pela ginga, pelo jogo de cintura, pela habilidade artística e pela ausência de preconceito de cor. Construções míticas [...] que atendiam em parte a uma política de Estado e também a um projeto de nacionalidade gestado por um grupo de intelectuais.¹⁴²

Se a concepção de uma identidade nacional, em parte idealizada por um grupo de intelectuais, contrapõe dentro do futebol o “nós” brasileiro, o nosso modo peculiar de praticar o futebol, a “nossa” versão do jogo bretão. Processo não muito diferente ocorre no Rio Grande do Sul onde, para uma contraposição do “eles” (que não são gaúchos) se exige uma identidade entre o “nós gaúchos”, como reflete Guazzelli (2000):

Nesse sentido foi fundamental a associação de todos os rio-grandenses à imagem do “gaúcho” com as devidas transformações que sofreu em quase dois séculos. De um significado inicial, em fins do século XVIII, de fora-da-lei e pária social, “gaúcho” passou a identificar os peões das estâncias e, mais tarde, mercê de um longo processo no qual foram fundamentais os intelectuais, praticamente todos os rio-grandenses passam a ser identificados como “gaúchos”.¹⁴³

Um sentimento de inferioridade, mostrado nas falas oficiais das autoridades rio-grandenses, costumeiramente demonstram uma insatisfação em relação a supostos desfavorecimentos ao estado por medidas tomadas no centro do poder nacional, ou mesmo que o Rio Grande do Sul arque com ônus exagerado em comparação aos demais estados da Federação. Nesse sentido, os momentos de crise são fundamentais para a

1872 quando é publicado o “Nascimento da tragédia”, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Nele, Nietzsche populariza a expressão Apolíneo-dionisíaco, que significa o contraste entre o espírito da ordem, da racionalidade e da harmonia intelectual, representado por Apolo, e o espírito da vontade de viver espontânea e extasiada, representado por Dionísio.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Do lábaro que ostentas estrelado - Mídia, futebol e identidade. Rio de Janeiro**: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), 2004. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, p.8.

¹⁴³ GUAZZELLI, Cesar A. B. **500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção de “Província de Chuteiras”**. Anos 90, revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, N. 13 (jul. 2000), p. 21-50, p. 22-3.

conformação de um antagonismo entre Rio Grande do Sul e seus interlocutores¹⁴⁴. Se busca um passado, de maneira nostálgica, que se ampara na tradição política de enfrentamento em relação ao poder central, e na convivência permanente com levantes armados, na defesa e formação da fronteira sul do Brasil:

No caso da sociedade gaúcha, a origem confunde-se com a formação da fronteira sul, num período de lutas e 'entreveros' de atos heroicos e atos de homens rudes e bravos. Ora, a fronteira, muito mais do que um ato jurídico de divisão politico-administrativa, é um produto histórico resultante de forças em conflito.¹⁴⁵

Como veremos em seguida em relação ao sentimento permanente de que a qualquer momento o Flamengo seria beneficiado e o Brasil prejudicado, relegado a segundo plano. Que algo por intermédio da CBF, das empresas que contrataram Zico, da imprensa carioca, do poder financeiro nacional, enfim, iria fazer com que a passagem do time gaúcho para a próxima fase da Taça Brasil fosse inviabilizada por “coisas do arco”, como diria Paulo Sant’ana, colabora para demonstrar que o futebol é um campo de pesquisa como poucos para observação desse sentimento de desprestígio que o gaúcho tem em relação ao resto da nação, como mostra Guazzelli (2000) ao estudar a comoção que se instaura no Rio Grande do Sul quando Everaldo, campeão e “representante” gaúcho no tricampeonato mundial de 1970 não é convocado para a Mini Copa, em 1972.

Em relação a construção do “estilo gaúcho” de jogar futebol, referido no começo:

Já se tornou um axioma do senso comum que o futebol no Rio Grande do Sul apresenta características próprias que o diferem do resto do País: mais virilidade que habilidade, mais força que malícia, mas entrechoque que negaça. As explicações para essa especificidade são basicamente duas: a) a população rio-grandense é predominantemente branca e forjada na dureza das intempéries sulinas, reproduzindo no jogador de futebol dos centros urbanos as qualidades atribuídas ao trabalhador pampeiro, ao gaúcho; b) a vizinhança com os países do Prata, dotando os futebolistas de características "castelhanas" - tais como denodo, vigor e bravura -, tal como ocorrera com os gaúchos de antanho.¹⁴⁶

¹⁴⁴ GUAZZELLI Op.Cit, p.23.

¹⁴⁵ PESAVENTO, Sandra J. **A invenção da sociedade gaúcha**. In: Ensaio FEE. Porto Alegre: Vol. 14, n.2, p. 383-396, 1993, p.386

¹⁴⁶ GUAZZELLI Op.Cit, p, 28.

Esse isolamento geográfico dentro do Brasil que proporcionaria uma inserção diferenciada do futebol em relação ao centro do país pela ligação e trocas com os países do prata, ao longo dos anos¹⁴⁷, aliado a outros fatores formaria o seu estilo:

Clima hostil - frio, chuvoso, etc - e, por extensão, os gramados enlameados do interior do Estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isto teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro.¹⁴⁸

A discussão acaba normalmente simplificada para a relação futebol-arte x futebol-força. A primeira sendo relacionada ao estilo “brasileiro” construída em contraposição ao estilo europeu. Mas paradoxalmente, como demonstramos, dentro do Brasil há uma construção diferenciada, um estilo “mais europeu e portenho que brasileiro”, que usa a força, vigor e jogo coletivo como principais estratégias, o que difunde a imagem do jogo “gaúcho” dentro de uma apropriação por parte dos futebolistas de um discurso de culto às tradições “gaúchas” que ganha ressemantização a partir dos anos 50 em função do surgimento do MTG (Movimento de Tradições Gaúchas)¹⁴⁹.

O que colabora para que a imagem do “estilo gaúcho” tome corpo no resto do país foi o início das competições em âmbito nacional, nos anos 60, momento em que o Grêmio tem predomínio absoluto no futebol gaúcho, com um jogo claramente baseado no futebol-força idealizado pelo técnico Oswaldo Rolla, o Foguinho. Nesse primeiro momento, a imagem do futebol gaúcho é a imagem do Grêmio de Foguinho.

Nesse ponto, torna-se impossível entender as caracterizações feitas extensamente pelos jornais do Rio de Janeiro, assim como as exaltações de características do estilo gaúcho feitas pelos jornais e futebolistas gaúchos sem conhecimento destes conceitos.

Em 1985, o discurso motivador de Louruz tinha sempre o objetivo de salientar a luta e a garra como principais características do Brasil. “Louruz aposta na luta de seus jogadores para ganhar”¹⁵⁰, antes do jogo contra o Ceará. “Essa vitória foi incrível, sofrida e fruto da garra, da luta e da capacidade de organização de nossos jogadores [...]

¹⁴⁷ RIGO 2003 Op. Cit, p. 151, cita que em Pelotas “durante as duas primeiras décadas, devido à proximidade geográfica, a influência exercida pelo futebol platino superou a do centro do País”

¹⁴⁸ DAMO, Op.Cit, p.199.

¹⁴⁹ Idem, p.195.

¹⁵⁰ Diário Popular, 14/07/1985.

Vamos precisar de muita garra e muita força para vencer e classificar”¹⁵¹, sobre o jogo com o Flamengo e projeção para o jogo contra o Bahia. Discurso que é utilizado por ter aceitação da torcida e da imprensa locais, que nas vitórias buscam as mesmas qualidades na equipe. “Brasil destrói Ceará na raça”¹⁵², ou antes da partida decisiva contra o Bahia: “A delegação do Brasil viajou pela manhã, confiante em um resultado, pronta para a briga”¹⁵³. Ou ainda o orgulho da qualidade principal da dupla de zaga “Silva e Hélio, a dupla de zaga mais aguerrida do país!”¹⁵⁴.

Justiça seja feita ao Brasil, Apesar de pouco salientadas – mesmo por seu treinador – as qualidades técnicas existiam. “Equipe bem armada, 4-3-3, dois volantes de marcação, mas dois laterais rápidos, dois pontas velozes, o meia Livio e o artilheiro Bira [...] um time guerreiro que marca duro – de preferência três contra quem estiver com a bola -, mas não é violento. ‘Eles jogaram limpo’, confirmou Zico, depois da derrota do Flamengo”¹⁵⁵. Dentro de casa usava uma marcação alta, pressionando o adversário. Possuía bons jogadores como Almir, Nei Dias, Zezinho, um centroavante goleador como Bira e especialmente o meia Lívio. Quanto a este o jornal O Globo, ao falar sobre os heróis improváveis de 1985, cita que “Lívio era elegante demais para os padrões do Sul”¹⁵⁶, o jogador relata que teve dificuldades de adaptação por ter um estilo de jogo de técnica refinada, diferente do que a torcida esperava. “Quase fui linchado”. Apenas entendeu como deveria jogar ao ver como a torcida gostava do jovem Bira que era “puro entusiasmo e dedicação”. Ou seja, segundo a reportagem, Lívio teve de agregar novas características as suas para ser aceito no novo clube e cidade.

Mais uma vez observamos esta visão do jornal O Globo sobre o futebol gaúcho, muito em função do propalado estilo gaúcho, acentuada pela imagem passada pelo próprio Brasil, pelo fato de ser do interior mas também em função do momento do futebol brasileiro.

Em 1985 pode se observar nos jornais um descrédito em relação ao futebol brasileiro, não apenas em função do campeonato que não correspondeu aos anseios de boa parte dos jornalistas dos periódicos pesquisados, mas vindo de um histórico da

¹⁵¹ Diário Popular, 19/07/1985, p.18.

¹⁵² Diário Popular, 16/07/1985, capa.

¹⁵³ Diário Popular, 21/07/1985, capa.

¹⁵⁴ Diário Popular, 03/07/1985, p.19.

¹⁵⁵ Revista Placar, Nº 792, 26/07/19, p.10.

¹⁵⁶ O Globo, 28/07/1985, p.44.

seleção brasileira que havia se classificado para a Copa de 86 mas com um futebol que não “convenceu”, no caso, não demonstrando um futebol-arte, ou um jogo tecnicamente bonito. A seleção foi vaiada mesmo com a classificação assegurada no estádio do Morumbi¹⁵⁷.

Ainda se tinha na memória a copa de 1982 quando a seleção brasileira apresentou um futebol condizente com as expectativas da torcida brasileira, de alta qualidade técnica e capaz de produzir lances típicos do futebol brasileiro, mas perdeu para a pragmática seleção da Itália, o que para muitos significou a vitória do futebol-força europeu sobre o futebol-arte brasileiro. Até por isso, vemos muitas expressões falando do “futebol de hoje”, como do técnico Moisés, do Bangu “o time joga o futebol de hoje, com força, corrido, mas sem violência”¹⁵⁸, mostrando que tal análise se dava em longo prazo, o jornal Folha de São Paulo noticia um congresso de preparadores físicos que debateriam acerca da “decadência do futebol”.

Com a disputa do 1º Campeonato Mundial em 1930, no Uruguai, o futebol evoluiu internacionalmente. E o Brasil acompanhou esta evolução. Na década de 50 e até 62, atingiu seu apogeu, calcado na técnica e na arte dos jogadores. Por isso, para Medina, a conquista do tricampeonato mundial em 70, no México, não representou o apogeu, mas sim o “canto dos cisnes do nosso futebol.” Coincidentemente, 70, marcou a implantação de uma nova etapa; a simbiose arte-ciência. A partir daí, a preparação física alterou a forma de jogar. E até hoje o futebol baseado na força física prevalece.¹⁵⁹

Essa publicação ocorre quando o campeonato já havia decidido seus semifinalistas (Brasil, Bangu, Coritiba e Atlético Mineiro), com três surpresas, portanto, e sem times de São Paulo. Antes disso, ao definir o estilo de jogo daquele que seria o campeão de 1985, o Coritiba, o jornal centra a atenção no técnico gaúcho Ênio Andrade.

“Um treinador de poucos sorrisos e muita dureza, o gaúcho Ênio Andrade, 55 anos, adepto do futebol-competição, onde o mandamento é marcar bem e ir em todas as jogadas com disposição, sem tirar o pé **‘em primeiro lugar a raça, depois a técnica’** afirma o técnico.¹⁶⁰

Em um campeonato com estas características. Os pequenos ganhando dos grandes, o futebol-força sobrepujando o futebol-arte. Parece sintomático que o jogo entre Brasil x Flamengo tenha gerado tanta controvérsia e expectativa, por colocar frente a frente, em tese, dois extremos, a força contra a arte, já que o time do Flamengo além de já possuir jogadores de grande qualidade técnica como Bebeto, Adílíio, Tita, Leandro,

¹⁵⁷ Diário Popular, 02/07/1985, p.19.

¹⁵⁸ Folha de São Paulo, 28/07/1985, p.30.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ Folha de São Paulo, 19/07/1985, p.24. Grifo meu.

Mozzer e Marquinhos, entre outros, repatria Zico, trazido junto à Udinese da Itália, com ajuda de um *pool* de empresas que estabelecem o “Projeto Zico”, tornando possível o pagamento de 2,5 milhões de dólares além de seu caro salário¹⁶¹.

O jogador retorna a tempo de disputar os jogos decisivos de 1985. Sua chegada é celebrada com uma série de festividades, entre elas, um especial recheado de artistas na TV Manchete e um jogo amistoso contando com craques do calibre de Falcão e Maradona, em um Maracanã lotado¹⁶².

Os veículos de imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro exaltam a volta de Zico, que joga bem e vence com facilidade o Bahia no domingo, como um salto de qualidade paradigmático dentro de um campeonato marcado pela mediocridade técnica. “Fla rumo ao tetra, com o ‘Galo’ ninguém cisca no terreiro do Fla [...] o Flamengo quando entra em campo não é para jogar, mas para fazer acontecer um evento especial”¹⁶³, Zico seria o elemento que faltava para o Flamengo voltar a praticar o futebol-arte apreciado até a sua saída. “O Flamengo está completo outra vez”¹⁶⁴.

A volta de Zico, portanto, representava, na imprensa, muito mais do que apenas o retorno de um jogador, mas sim o retorno de um estilo de futebol brasileiro que o Brasil havia perdido em algum lugar no passado:

Quando a Estrutural lançou o tema “Volta Brasil” para o Projeto Zico, sua proposta transcendia o resgate do nosso maior craque da Itália. A idéia foi combinar a genialidade e a própria imagem carismática do jogador para provocar a ressurreição do futebol brasileiro. E é exatamente isso que vem se detectando ao se presenciar o novo clima reinante na Gávea e, por que não dizer, no país inteiro.¹⁶⁵

Toda a publicidade, movimentação e otimismo por parte do Flamengo e dos jornais do Rio de Janeiro em função da volta de Zico contrastariam com a evocação do já mencionado sentimento de inferioridade regional por parte da imprensa gaúcha, em especial a pelotense. Após a vitória do Brasil sobre o Flamengo, quando a classificação tornou-se palpável – portanto, passível de ser perdida, ao contrário de antes do jogo quando a classificação parecia algo improvável –, dependendo apenas de uma vitória do Brasil diante do Bahia, em Salvador, o time gaúcho “ganhou” adversários fora do campo: “Brasil luta para ser um dos quatro grandes do país. Seus adversários: 1) O bom

¹⁶¹ Revista Placar nº 790, 12/07/1985, p. 6.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ O Globo 15/07/1985, p.25.

¹⁶⁴ Revista Placar nº 790, 12/07/1985, p. 5.

¹⁶⁵ Jornal do Brasil, 17/07/1985, p. 24.

futebol do Bahia. 2) O dinheiro do Flamengo. 3) Multinacionais de Zico”¹⁶⁶. Embora possamos citar essa impressão no jornal pelotense desde o começo da fase “ou alguém duvida que o Flamengo estará na próxima fase? A própria CBF arranhou para o Zico voltar. É impossível pensar no Flamengo fora e digamos o Brasil classificado”¹⁶⁷.

Paulo Sant’ana dá um tom acima:

Mas toda a torcida do Brasil de Pelotas e nós todos gaúchos que estamos incrivelmente torcendo pelo Brasil temos que nos precaver, o Flamengo com certeza vai inundar de dinheiro o Bahia, 30, 40 milhões para cada jogador, por que se está se decidindo muito do prestígio dos clubes brasileiros a partir de agora neste campeonato nacional, mas acima de tudo, se está decidindo acerca de fortunas em dinheiro. Um clube grande que consegue entrar para a Libertadores e disputar as semifinais e a finalíssima deste campeonato nacional ganha bilhões de cruzeiros, então, o poder econômico se desabará sobre o Brasil neste fim de semana. Coisas do arco estão para acontecer em Salvador e também no Maracanã.¹⁶⁸

A direção do Brasil, através do vice-presidente José Azocar, também mostra sua apreensão sobre os vários adversários na Bahia, “não só o Bahia é adversário, mas a direção do Flamengo, com prêmio extra e mais as multinacionais que se integraram à campanha pela volta de Zico ao Brasil”¹⁶⁹. Mesmo quando o otimismo aparece é suplantado pela desconfiança de que algo irá acontecer para tirar a vaga do Brasil e dar ao Flamengo. “Depois possivelmente haverá uma festa ou a certeza de que tudo estava pronto para o Flamengo se classificar, são muitas forças concentradas contra o Brasil, contra Pelotas”¹⁷⁰.

Essa insatisfação e indignação – mesmo sendo contra algo que ainda não aconteceu – provêm da certeza de que a tríade Flamengo, multinacionais de Zico e CBF atuaria conjuntamente. Lembremos que a CBF, confederação que rege o futebol no Brasil tem sua sede no Rio de Janeiro, portanto, um histórico de desconfianças em relação aos centros do poder nacional, na política ou no futebol – e de exemplos que supostamente o comprovam como o pênalti mal marcado a favor do Flamengo no jogo do Maracanã e os 10 minutos de acréscimo dados no jogo em Pelotas¹⁷¹ – vêm à tona em um momento decisivo em que um erro de arbitragem pode definir a classificação a favor de um time gaúcho ou um time carioca.

¹⁶⁶ Diário Popular, 21/07/1985, capa.

¹⁶⁷ Diário Popular, 07/07/1985, p.15

¹⁶⁸ Trecho do comentário feito por Paulo Sant’ana no programa Jornal do Almoço da RBS TV do dia seguinte ao confronto estudado. Transcrição minha. Video Disponível em <<http://www.colecionadorxavante.com.br/videos.php>> acessado em 14/11/2013.

¹⁶⁹ Diário Popular, 20/07/1985, p.19

¹⁷⁰ Idem, coluna de Umberto Campos.

¹⁷¹ Diário Popular 19/07/1985, p. 18. O Jogo no Maracanã terminou 1 x 0 para o Flamengo.

Esta sensação de inferioridade aumenta em grandes proporções quando o antagonista carioca é o Flamengo, time de maior torcida do país, maior exposição na mídia e contando com a volta de Zico, comprado por grandes empresas que, em tese, esperavam retorno do investimento e do outro não era Internacional nem Grêmio, mas sim um time do interior como o Brasil de Pelotas.

O que se desconfiava – ou se tinha certeza – não acontece. O Brasil vence o Bahia em Salvador pelo placar de 3 x 2, e se classifica, contando com o inesperado apoio da torcida do adversário que leva faixas com os dizeres “Bahia, elimine o Flamengo”¹⁷², talvez impelido pelo mesmo sentimento periférico dos gaúchos, por querelas esportivas com o time carioca, ou por que “teria esquema preparado para o Flamengo”¹⁷³, comemorando os gols do Brasil e vaiando os de seu time. Cenário “surrealista” que, segundo a revista Placar - sempre crítica da fórmula de 85 - combinava perfeitamente com o campeonato e seus semifinalistas.

4.2. G.E. Brasil x C.R. Flamengo - A Torcida Xavante na imprensa.

Esta vitória do Brasil foi recebida no estádio do modo como o estádio reprocessou todos os episódios que lá estavam, sentia-se a presença do Flamengo, havia uma atitude respeitosa no estádio em relação ao Flamengo, isso foi uma das coisas mais bonitas que eu vi em futebol...quando o futebol apresenta suas qualificações e o torcedor, embora apaixonado - **o mais apaixonado torcedor que temos que é o xavante** - reconhecia esses méritos em campo **mas a cada instante ele via emergir aquela qualidade do Brasil: a garra, a disposição, a energia, o entusiasmo. E ali estava o Brasil, e tão somente ali estava o Brasil.** E é por isso que ele deve ir à Bahia, Fonte Nova, Salvador e vencer o Bahia, por esses recursos que são a força própria do time, **o time é muito parecido com a torcida, eles são extraordinariamente corajosos, decididos e irreverentes.**¹⁷⁴

O comentário de Ruy Carlos Ostermann tece um rico mosaico de informações acerca da partida: a simbiose entre torcida e time no estádio; o reconhecimento às qualidades do Flamengo, já que o torcedor reconhecia os méritos do adversário e para vencê-lo via emergir as qualidades tidas como históricas do Brasil – a garra, a

¹⁷² Revista Placar, Nº 792, 26/07/1985, p. 10.

¹⁷³ O Diário Popular de 20/07/1985, mostra que 4 rádios de Salvador haviam feito enquetes e em todas os torcedores do Bahia diziam que queriam que o time perdesse para o Brasil para eliminar o Flamengo. Diversos motivos são relacionados entre eles o fato de o Flamengo ter mandado olheiros para observar o campo antes do jogo entre os times e também a desconfiança de que “o campeonato estava comprado pelo Flamengo”.

¹⁷⁴ Trecho do comentário feito por Ruy Carlos Ostermann no programa Jornal do Almoço da RBS TV do dia seguinte ao confronto estudado. Transcrição e grifos meus. Video Disponível em <<http://www.colecionadorxavante.com.br/videos.php>> acessado em 14/11/2013.

disposição, a energia, o entusiasmo – entendido dentro da evocação do “estilo gaúcho”; e na torcida xavante, o reconhecimento dimensionando a intensidade da paixão – sendo o mais apaixonado torcedor que temos (entenda-se: no Rio Grande do Sul).

A simbiose time e torcida faz parte da rotina desde os primeiros jogos da segunda fase da competição e está presente no discurso de Valmir Louruz, mostrando que muito da estratégia de jogo depende da torcida, como é ressaltado pelo treinador antes do primeiro jogo da fase contra o Bahia. “Hoje, mais do que nunca o nosso torcedor vai ser importante. Ele já está escalado por mim e faz parte do esquema de jogo, pois estará no apoio durante os 90 minutos”¹⁷⁵. O time jogando em casa, principalmente, “é bom quando joga para frente, pressionando. Até os zagueiros gostam do jogo assim”¹⁷⁶, tendo a torcida o papel de incentivo ao seu time e pressão junto ao time adversário.

Apesar do pessimismo de Umberto de Campos em relação à classificação, mostra certeza que seria missão quase impossível vencer o Brasil no estádio Bento Freitas:

O Brasil pode ser o fiel da balança. O primeiro e único classificado do grupo pode ser aquele que não perder para o Brasil aqui em Pelotas, por isso, cada jogo aqui se torna uma decisão. Se em campo Valmir escala um bom time fora dele estará uma torcida que já fez lenda no RS, **vencer o Brasil diante da vasta torcida xavante é uma missão ‘quase impossível’**. Para isso é preciso mais garra do que futebol.¹⁷⁷

A “atmosfera de jogo” estabelecida no estádio Bento Freitas, sensação topofílica, como coloca Giulianotti (1999), somatório de entusiasmo e distância: entre torcida e time, entre as duas torcidas e os times adversários, quanto mais intensa essa relação, mais intensa se torna essa atmosfera do estádio¹⁷⁸, era, portanto, uma importante aliada do Brasil, que utilizava a seu favor para vencer os jogos. Porém, esta intensidade poderia ser vista como amedrontadora ou mesmo perigosa pelos adversários, reflexo disso pode ser observado em relação à imprensa carioca nos dias que antecederam a partida.

Durante a partida nenhum ato de violência grave foi noticiado, com exceção de pequenas ocorrências como uma briga de dois minutos na arquibancada¹⁷⁹, ou algumas

¹⁷⁵ Diário Popular, 03/07/1985, p. 19.

¹⁷⁶ Diário Popular, 07/07/1985, p.19, coluna de Umberto de Campos.

¹⁷⁷ Diário Popular, 03/07/1985, p.19. coluna de Umberto de Campos. Grifo meu.

¹⁷⁸ GIULIANOTTI, Sociologia do Futebol. Op.Cit. p.96-97.

¹⁷⁹ Diário Popular, 19/07/1985, p. 19.

garrafas de plástico que voaram dentro do gramado, como de maneira jocosa noticiou a revista Placar “somente depois (do torcedor) beber a cachaça que havia dentro delas”¹⁸⁰.

Apesar disso, nos dias que precederam o jogo decisivo, os jornais O Globo e Jornal do Brasil manifestam preocupações com a partida, entre as quais o campo pequeno, onde o time do Flamengo, com maior qualificação técnica, seria mais facilmente marcado; a segurança dos jogadores em campo, em função do alambrado facilmente transponível do estádio Bento Freitas e um suposto histórico de invasões da torcida xavante; o grito da torcida do Brasil que incentiva os jogadores; além da já referida preocupação com a possível violência dos jogadores do Brasil.

Brasil planeja tomar a liderança no ‘grito’ - Dono da maior torcida do interior – a mais fanática do estado -, o Brasil de Pelotas promete assumir a liderança do grupo F da Taça de Ouro, quinta feira liquidando o Flamengo dentro do caldeirão em que se transforma o estádio Bento Freitas em dias de decisão [...] Os ‘xavantes’ como são conhecidos os torcedores do Brasil gritam durante o tempo todo durante os jogos. É certo que o Flamengo encontrará dificuldade antes de pisar no gramado do estádio Bento Freitas. Mesmo que se hospede no Turist Park Hotel (a 4 quilômetros do centro) dificilmente escapará da vigília dos xavantes que gostam de perturbar o sono dos adversários na madrugada anterior ao jogo com ruidosas gritarias e foguetórios”¹⁸¹

Vemos neste recorte como o jornal ressalta características da “identidade xavante” consideradas boas dentro do simbolismo do futebol e da prática torcedora, como a fidelidade e do torcedor que vai ao jogo em grande número aliado ao companheirismo na hora de apoiar ao time – os gritos são os cânticos típicos, utilizados para dar apoio aos jogadores, deixando a atmosfera de jogo mais intensa. Porém, a dubiedade do termo “fanática”, sendo ela “a mais fanática do Estado” pode ser trazido por diferentes prismas. No caso do Jornal do Brasil, se mostra também pelo lado da violência, ou a possibilidade da mesma ocorrer, exposto pela “vigília, ruidosas gritarias e foguetórios” para atralhar os adversários.

As informações ganham novos contornos a partir da foto do estádio Bento Freitas que ilustra a matéria com a legenda “No estádio Bento Freitas só cabem 18 mil pessoas, que podem pular o frágil alambrado com facilidade”¹⁸². Além de relembrar uma ocasião um tanto vaga e não datada em que teria ocorrido uma invasão de

¹⁸⁰ Revista Placar, N° 792, 26/07/1985, p.11.

¹⁸¹ Jornal do Brasil 16/07/1985, p.24.

¹⁸² Jornal do Brasil 16/07/1985, p.24.

torcedores após derrubar o alambrado num jogo contra o Grêmio¹⁸³. Ainda cita que “a iluminação é apenas razoável” e que “o alambrado não impede nem a passagem de crianças”¹⁸⁴. Notas com tom de advertência ou mesmo de denúncia já que a viagem do Flamengo está pautada por um clima de insegurança inerente, como pensava o técnico Zagallo: “mas o maior temor do técnico Zagallo é o ‘clima de guerra’ que segundo ele foi criado para o jogo de hoje”¹⁸⁵. O Globo lembra que no jogo do ano anterior:

Os jogadores do Flamengo chegaram a ser apedrejados em um treino quando foram enfrentar o Brasil, no ano passado, em Pelotas, sem que houvesse clima de hostilidade para a partida [...] Rogério Moreira (presidente do Brasil) afirma que a torcida é forte, atuante mas não apresentará problemas para o flamengo.¹⁸⁶

O presidente do Brasil de Pelotas não desmente o apedrejamento, mas ressalta que o treino ocorreu no campo de outro time da cidade. No Bento Freitas, ele garante a proteção ao time carioca, “menos contra o entusiasmo e os gritos da nossa torcida”¹⁸⁷. Já o Jornal do Brasil dá outra versão, na qual Rogério Moreira diz que não providenciará segurança especial ao Flamengo. “Não há motivos para isso pois o Flamengo é um time igual aos outros, a única diferença é que sempre complica fazendo exigências descabidas”¹⁸⁸. Mesmo que as versões não se contradigam de todo – Rogério Moreira em momento algum prometeu segurança especial ao Flamengo –, O Globo passa a informação de que dentro do estádio a segurança estaria garantida enquanto o Jornal do Brasil não menciona isso, além de trazer uma declaração, por parte do dirigente pelotense, pouco simpática em relação ao adversário carioca.

A comissão técnica do Flamengo, através do técnico Zagallo¹⁸⁹, lamenta o jogo ser “num local muito frio e em campo com dimensões muito pequenas, o que facilitará a marcação do adversário”¹⁹⁰.

Já entre a direção do clube as reclamações ficavam por conta do tamanho do estádio, que não poderia proporcionar um grande público e, por conseguinte, grande

¹⁸³ Este incidente provavelmente remete ao campeonato gaúcho de 1983, quando o Brasil venceu o Grêmio por 4 x 0 e conseguiu o vice-campeonato, o que automaticamente lhe deu a possibilidade de disputar a Taça de Ouro do ano seguinte. A torcida invadiu o gramado derrubando o alambrado.

¹⁸⁴ Jornal do Brasil 16/07/1985, p.24

¹⁸⁵ Jornal Folha de São Paulo 18/07/1985 p.30.

¹⁸⁶ O Globo 16/07/1985, p.24.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Jornal do Brasil 16/07/1985, p.24.

¹⁸⁹ Mário Jorge Lobo Zagallo, ou apenas Zagallo no mundo do futebol, é um dos grandes personagens da história do futebol brasileiro. Nascido em 1931, o “Velho Lobo” tem sua história umbilicalmente ligada à Seleção Brasileira, participando dos 4 primeiros títulos mundiais. Em 1958 e 1962 como jogador, 1970 como treinador e 1994 como auxiliar técnico de Carlos Alberto Parreira..

¹⁹⁰ O Globo, 15/07/1985, p.24.

renda, dificuldade acentuada pela necessidade de arrecadar dinheiro para pagamento de Zico.

Mesmo sem maiores comentários, é visível a irritação dos dirigentes do Flamengo, obrigados a levar um time caro para um jogo tão pouco rentável. Se todos os ingressos forem vendidos, o clube, em caso de vitória, não terá direito a Cr\$ 50 milhões – o que representa, mais ou menos 1% do investimento feito pelo clube e pela Estrutural no Projeto Zico.¹⁹¹

O adiamento da partida do dia 17 para o dia 18, acordado pelas direções, ajudaria a resolver tanto o problema da arrecadação, já que traria o dinheiro da transmissão da televisão – para todo o país – quanto inibiria uma possível ação violenta dos xavantes, segundo Sandro Moreyra, em sua coluna.

Foi uma hábil manobra para impedir que o feroso Brasil use e abuse de recursos pouco recomendáveis. Tendo milhares de testemunhas de olho na televisão, é claro que o Brasil em campo e os pelotenses nas arquibancadas terão um procedimento mais esportivo, vamos dizer assim.¹⁹²

Essa manifestação mostra que a preocupação com a segurança atingira grandes proporções. Além de caracterizar a torcida xavante – tratada simplesmente como “pelotenses nas arquibancadas” – como potencialmente violenta – o que a vigilância das câmeras de TV inibiria - traz dúvidas em relação ao time do Brasil, que “usaria e abusaria de recursos não recomendáveis”, entendidos como violência contra os jogadores do Flamengo, caso tal recurso não fosse utilizado.

Por outro lado é interessante salientar a posição de João Saldanha em coluna onde ele destoa do tom editorial do Jornal do Brasil minimizando o problema do campo, do estádio, da torcida e mesmo da cidade, citando sua história de riquezas do passado.

Não sei por que falam tanto do estádio de Pelotas. Sim, lá é duro ganhar. A torcida fica em cima do jogo. Como eu gosto. Não tenho remédio, mas não me agrada o estádio gigante, com o jogo lá longe. Sei que em alguns casos é necessário, mas, infelizmente, na grande maioria é demagógico ou flagrante fator de lucro ilícito de autoridades [...] A parada dura em Pelotas é o time, não o estádio.¹⁹³

Além do gosto particular de João Saldanha em relação a estádios, certamente o fato de ter nascido no Rio Grande do Sul e ter contato com o futebol gaúcho de longa data contribui para essa diferenciação tão evidente de pontos de vista. A visão de Moreyra soa como um estranhamento, o que o fato de ser uma cidade do interior no Rio

¹⁹¹ Jornal do Brasil 17/07/1985, p.21.

¹⁹² Idem, Sandro Moreyra em sua coluna “Bola Dividida”.

¹⁹³ Jornal do Brasil, 16/07/1985, p. 24.

Grande do Sul, portanto, fora do “circuito futebolístico” conhecido pelo colunista pode ter colaborado.

Em Pelotas, o Diário Popular faz questão de deixar claro a posição dos órgãos de segurança acerca da garantia de que se teria um espetáculo tranquilo: “segurança é total [...] Brigada Militar garante a segurança do estádio”¹⁹⁴. O Globo publica que “Capitão Luiz Alberto Goz garante a segurança tanto no estádio quanto no hotel do Flamengo”¹⁹⁵. O Jornal do Brasil em pequena matéria abre espaço para o depoimento do líder da TOB (Torcida Organizada do Brasil), Gilmar Carrion, que relativiza a questão da violência da torcida xavante, posta pelo jornal:

A “Guerra” do Brasil contra o Flamengo terá uma fronteira definitiva: O estádio Bento Freitas [...] Gilmar afirma que todo o arsenal inofensivo dos torcedores, como charanga, papel picado e muita gritaria será disparado dentro de campo “mas garanto que ninguém fará vigília para importunar a delegação do Flamengo [...] O Flamengo pode ficar descansado pois o negócio da nossa torcida é incentivar o time de maneira civilizada. Não há o que temer quanto à invasão do gramado, pedradas ou outras agressões. Queremos apenas empurrar o time para que ele ganhe dentro de campo [...] Somos fanáticos, sim, mas não agressivos ou baderneiros. Inclusive já apanhamos muitas vezes fora de Pelotas”¹⁹⁶

Para evitar declarações inconvenientes por parte dos jogadores, a direção do Flamengo proíbe que se fale no assunto estádio e torcida do Brasil¹⁹⁷ e assume uma postura conciliatória. Segundo o presidente Geoge Helal, “sempre que jogamos lá (Pelotas) fomos bem tratados”¹⁹⁸. Essa declaração, na verdade, foi dada para tentar relativizar a notícia – confirmada pelo presidente – de que o clube teria feito seguro de Cr\$ 3 bilhões para Zico na véspera da viagem, o que ele diz ser praxe em todas as viagens. Em Pelotas, o Diário Popular, aparentemente não acredita “Flamengo chegou ontem com Zico no seguro [...] coincidentemente quando a equipe vem jogar em Pelotas traz Zico segurado em 2 bilhões”¹⁹⁹.

De um modo geral as declarações dos jogadores do Flamengo pouco se referem ao time do Brasil e quando o fazem não são muito elogiosas ao time, mas à torcida como diz Marquinhos: “o Brasil tem um time razoável”²⁰⁰. Zico seria enfático: “no grito é que eles não vão ganhar, se gritarem gritaremos mais alto ainda e mostrar futebol para

¹⁹⁴ Diário Popular, 18/07/1985, Contracapa.

¹⁹⁵ O Globo, 17/07/1985, p. 26.

¹⁹⁶ Jornal do Brasil 17/07/1985, p.21.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ O Globo, 17/07/1985, p.26.

¹⁹⁹ Diário Popular, 18/07/1985, Capa. Há divergências entre o valor do seguro entre os jornais.

²⁰⁰ O Globo 15/07/1985, p. 24.

ganhar a partida”²⁰¹. Para Tita, que havia jogado no Grêmio em 1983, o maior problema do jogo será a torcida xavante: “É uma torcida aguerrida que grita muito e incentiva seu time para valer”²⁰². Zagallo prega cautela no início de jogo: “eles vão entrar em campo com tudo, ainda mais que contam com uma torcida também aguerrida que costuma levar o time à frente”²⁰³.

Mais uma vez vemos a dimensão de participação no jogo que a torcida passa através da atmosfera que cria no estádio, a ponto de fazer o esquema do seu time e do adversário a partir desse artifício.

Apesar da vitória do Brasil em campo e o jogo limpo, sem as temidas invasões, o dia seguinte traria as derradeiras reclamações acerca do estádio por parte do Jornal do Brasil:

Não foi por causa do Estádio Bento Freitas que o Flamengo perdeu. Mas a verdade é que não é um campo para se realizar partidas de um Campeonato Nacional, mais de 15 mil pessoas ficaram fora, sem lugar para entrar, o que prejudicou a renda. E, lá dentro, houve muita confusão e pouco futebol.²⁰⁴

Gigantesco contraste com a manchete de capa do Diário Popular: “Nem Zico segura o Brasil: 2 x 0”²⁰⁵.

²⁰¹ O Globo, 18/07/1985, p.29.

²⁰² Idem.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Jornal do Brasil, 19/07/1985, p.22.

²⁰⁵ Diário Popular, 19/07/1985, Capa.

5. CONCLUSÃO.

Pudemos observar nos jornais, a partir do estudo de caso, as características da torcida xavante estabelecidas no capítulo 4. Vimos que as características tidas como moralmente boas ou positivas dentro da simbologia das torcidas, como a presença de público nos jogos, a fidelidade, o “grito”, extensamente referendados como característica da torcida, entendido como capacidade de criar uma “atmosfera de jogo”, nos termos de Giulianotti (1999), capaz de incentivar o time com intensidade, e de tornar o pequeno estádio em um reduto inóspito para os adversários.

Essa intensidade, como vimos, traz uma linha tênue na imprensa entre admiração como, Ruy Carlos Ostermann, em seu comentário no dia seguinte ao jogo exaltando a coragem, fidelidade, e principalmente a paixão. Aspectos subjetivos que podem ser encontrados em qualquer torcida de futebol. Porém, como padrão vemos a torcida xavante retratada na imprensa no decorrer do estudo com termos no superlativo como “a mais entusiástica”, segundo Paulo Sant’ana. “A mais fanática do estado”, de acordo com o Jornal do Brasil. Ou ainda “o mais apaixonado torcedor que temos” conforme Ruy Carlos Ostermann.

Normalmente esta relação intensa é chamada de “fanatismo”, o que dentro desta linha tênue pode ser visto também como perigoso, violento. Como fez o Jornal do Brasil ao esperar “ruidosas gritarias e foguetórios” no hotel do Flamengo, buscando um histórico de invasões ao gramado para inferir que o Flamengo corria risco ao jogar em Pelotas, contra o Brasil.

A Prof. Heloisa Helena Reis estabelece que o conceito de fanatismo está ligado à identidade, ao sentimento de pertencimento que o torcedor tem com seu clube e à socialização com os demais torcedores (grupo), bem como sua identidade pessoal. “A identidade é o que possibilita ao indivíduo saber quais são as suas ideias e seus desejos e ser capaz de reconhecer a si mesmo (o “eu” individual) e o seu entorno (o “nós” coletivo)”²⁰⁶.

O ato esportivo gera um processo comunicativo pela identificação simbólica que existe com clubes e jogadores de transferência de identidade, o que leva o torcedor a

²⁰⁶ REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados). 2006, p.36.

viver intensamente a incerteza do resultado. Tal identificação justifica as frases ditas na primeira pessoa do plural pelos torcedores quando um comentário acerca do jogo como “ganhamos”, “perdemos” ou “o juiz nos roubou”.

A exacerbação dessa identidade construída junto ao grupo aliado a uma fragilidade da identidade pessoal do indivíduo pode levar este a não ter capacidade de perceber os limites entre a sua vida e a da equipe, colocando assim suas emoções, sucessos ou fracassos na dependência do desempenho esportivo o que pode gerar algumas ações que moralmente não são aceitáveis pela sociedade. Aqui entra a questão da violência no futebol que traz uma visão ruim deste fanatismo²⁰⁷.

Portanto, em função das demonstrações de pertencimento clubístico e de “fanatismo” ao longo dos anos por parte da torcida do Brasil, com aspectos moralmente bons como a fidelidade e ruins como ações violentas. Visões positivas e negativas são encontradas, em maior ou menor grau, na imprensa.

Desta maneira, entendemos, a partir do estudo proposto, que essa identidade, mesmo que, por vezes, retratada de maneira caricata, muitas vezes, por falta de um conhecimento mais apurado, tem sua razão de ser a partir do seu reconhecimento pelos torcedores do Brasil de Pelotas, que mantêm viva esta memória xavante.

Vimos que as torcidas dos times de Pelotas – G.E. Brasil, E.C. Pelotas e G.A. Farroupilha – mesmo vivendo sob a bipolaridade entre Internacional e Grêmio desde a década de 1940 no Rio Grande do Sul continuam formando um bolsão significativo de torcedores que refutam a metropolização do Gre-Nal e mantem-se fieis aos times locais, como a pesquisa de 2008 mostra.

No entanto, o número de torcedores “híbridos”, ou seja, que torcem por um time de Pelotas e um de Porto Alegre tende a crescer, na medida em que as equipes disputam campeonatos de magnitudes bem diferentes. Enquanto a dupla Gre-Nal joga a primeira divisão do Campeonato Brasileiro e normalmente um dos dois está na Taça Libertadores a cada ano, a dupla Bra-Pel joga, além do Estadual, os campeonatos de segundo semestre promovidos pela Federação Gaúcha de Futebol, tentando, em algum destes a classificação, sempre difícil, para disputar a quarta divisão nacional.

²⁰⁷ REIS Op. Cit, p.41.

Como vimos a partir de Damo (1998), a ética torcedora e a forma de transmissão tendem a manter essa escolha por três e até quatro gerações no âmbito de uma família. Decisão que, uma vez realizada, não pode ser alterada, o que, como vimos, se aliaria em Pelotas ao forte enraizamento do pertencimento aos clubes locais e à rivalidade Bra-Pel para fidelizar uma torcida cativa dos clubes locais. No entanto, com o passar das gerações a tendência é de que cada vez menos torcedores se declarem apenas torcedores de Brasil ou Pelotas e que cada vez mais se declarem apenas torcedores da dupla Gre-Nal, fazendo a “balança” pender para o lado dos times de Porto Alegre.

Franklin Foer, jornalista e escritor estadunidense, viajou o mundo para provar sua tese inicial de que no futebol a globalização é operada em larga escala, deduziu que exemplos de megamarcas como Manchester United e Real Madrid, patrocinadas por grandes empresas esportivas, como Nike e Addidas, conseguiam arrebanhar torcedores ao redor do mundo afastando-os de seus antigos clubes eram exceções à regra. “Essa homogeneização se torna mais exceção à regra [...] observei como a globalização havia fracassado em reduzir as culturas futebolísticas regionais”²⁰⁸.

Mesmo em um mundo globalizado, onde o torcedor tem à sua disposição os melhores campeonatos do planeta ao alcance de um controle remoto e as notícias do mundo a um clique de distância. Podemos observar que as torcidas de Pelotas continuam manifestando o sentimento de pertencimento aos clubes locais.

Portanto, a partir do estudo de Foer, podemos entender que a manutenção de uma torcida cativa dos clubes de Pelotas ainda encontra espaço. Embora fuja da nossa alçada a forma como as próximas gerações irão levar adiante esta “resistência”, até aqui, bem sucedida.

²⁰⁸ FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização** – Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.10.

6. BIBLIOGRAFIA.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002.

ANDREA, C. M. C. (org) **Identidade Xavante: Livro oficial do centenário do Grêmio Esportivo Brasil Brasil - 1911-2011**. Pelotas: Editora Textos, 2011.

ALVES, Eliseu de Mello. **O Futebol em Pelotas, 1901-1941**. Pelotas, RS: Livraria Mundial, 1984.

BANDEIRA, P. S. (1994). As raízes históricas do declínio da Região Sul. In: ALONSO, José A. F. et al. **Crescimento Econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas**. Porto Alegre, FEE

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)**. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2005 (Tese de Doutorado).

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa. Difel, 1989, p. 129.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998.

ELMIR, Cláudio Pereira. **Uma aventura com o Última Hora**. O jornal e a pesquisa histórica. Porto Alegre: UFRGS, 2007

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização** – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRAGA, Gerson Wasem. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**, 2009, 398 p. Tese (História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **A futura paixão nacional: chega o futebol**. In: DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GUAZZELLI, Cesar A. B. **500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção de “Província de Chuteiras”**. Anos 90, revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, N. 13 (jul. 2000), p. 21-50.

HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001

HELAL, Ronaldo e GORDON JÚNIOR, Cesar. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. Estudos Históricos, vol. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999, p. 147-165.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

JAHNECKA, Luciano. **O jeito xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

JESUS, G. M. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Do lábaro que ostentas estrelado - Mídia, futebol e identidade. Rio de Janeiro**: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), 2004. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura.

LONER, Beatriz A. **Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888 - 1937**. Tese (Doutorado em sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, 1999.

LONER, Beatriz A.; GILL, Lorena Almeida. **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas**. Estudos Ibero-Americanos, v. 35. Porto Alegre, 2009. P. 145-162.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Livraria Mundial e Editora da UFPel, 1993.

PESAVENTO, Sandra J. **A invenção da sociedade gaúcha**. In: Ensaio FEE. Porto Alegre: Vol. 14, n.2, p. 383-396, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FERNANDES, Luiz Fernando Framil. **O futebol no Rio Grande do Sul e sua identidade: dos portos e fronteiras para as regiões coloniais**. In: Simpósio Nacional de História, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados). 2006.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas, RS, Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2004.

_____. **Nomadismo e miscigenação no futebol pelotense**. Movimento, Porto Alegre, v.9, n. 3, p.149-161, set./dez. de 2003.

Rio Grande do Sul Sportivo, 1919.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSA, Mário. **Geografia de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 1985.

SILVA, Silvio Ricardo. **Tua imensa torcida é bem feliz ... da relação torcedor com o clube**. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2001.

SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. **Sobre O negro no futebol brasileiro, de Mário Filho** in Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional / Francisco Carlos Teixeira da Silva, Ricardo Pinto dos Santos – Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ. Volume 2.

SOARES, Antônio Jorge. **O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade**. Revista paulista de educação física / Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física 13(1): 119-29, jan./jun. 1999a.

_____. **História e a invenção de tradições no futebol brasileiro**. Revista Estudos Históricos, Vol. 13, Nº 23, 1999b.

YAMANDU. W e GÓIS JÚNIOR, E. **Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920-1930)**. Recorde: Revista de História do Esporte vol. 5, n. 2, junho-dezembro de 2012, p. 1-13.

SITES CONSULTADOS:

<<http://www.ligapelotense.com.br>> acessado em 07/10/2013

< http://www.campeoesdofutebol.com.br/rio_grande_sul.html> acessado em 11/11/2013.

<<http://zerohora.clicrbs.com.br>> notícia “Grêmio tem a maior torcida em Pelotas, e Brasil-Pe a mais fiel”, 11/03/2008. Acessado em 11/11/2013.

<<http://globoesporte.globo.com>> blog “Teoria dos Jogos” 17/12/2011. Acessado em 11/11/2013.

<<http://www.colecionadorxavante.com.br/videos.php>> acessado em 14/11/2013.

PROGRAMAS DE TV.

OSTERMANN, Ruy Carlos. Jornal do Almoço. RBS TV. 19 de julho, 1985. Porto Alegre. Comentário. Disponível em <http://www.colecionadorxavante.com.br/videos.php>> acessado em 14/11/2013.

SANT’ANA, Paulo. Jornal do Almoço. RBS TV. 19 de julho, 1985. Porto Alegre. Comentário. Disponível em <http://www.colecionadorxavante.com.br/videos.php>> acessado em 14/11/2013.